



**LIVRO DO**

# CONCURSO LITERÁRIO

**VOZES DOCENTES**

Organização: Fernando  
Antonio da Costa Vieira

SINPRO-RIO - 2026



**SinproRio**

# OS MELHORES TRABALHOS DO CONCURSO LITERÁRIO VOZES DOCENTES

Realização do Sindicato de Professores do Município do Rio de Janeiro e  
Região

Publicação eletrônica

Download liberado

## INFORMAÇÕES TÉCNICAS

### ORGANIZAÇÃO

Fernando Antonio da Costa Vieira

Banca Avaliadora do Concurso

Claudia Fernanda Chigres

Felipe Lima Monteiro

João Guilherme Sanders Quental

Marcelo José Fonseca Fernandes

Marta Rodrigues

ISBN: 978-65-02-42564-0

Ficha catalográfica elaborada pela Organização do Concurso

Sindicato de professores do Município do Rio de Janeiro e região (Sinpro-Rio) – IUPERJ.

Concurso Literário “Vozes Docentes” do Sinpro-Rio

Organizado por Fernando Antonio da Costa Vieira: Rio de Janeiro, 2026 (Brasil).

Documento eletrônico.

ISBN: 978-65-02-42564-0

1. Concurso Literário. 2. Sinpro-Rio. I. Vieira, Fernando Antonio da Costa. II. Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região. III. Título.

## DIRETORIA 2025-2029

|                                                        |                                  |
|--------------------------------------------------------|----------------------------------|
| <b>Presidente</b>                                      | Elson Simões de Paiva            |
| <b>1º Vice-presidente</b>                              | Marcelo Pereira                  |
| <b>2º Vice-presidente</b>                              | Márcio Franco Xavier             |
| <b>1ª Secretária Geral</b>                             | Afonso Celso Teixeira            |
| <b>2ª Secretária Geral</b>                             | Maria Marta de Andrade Cerqueira |
| <b>x1ª Secretária de Finanças</b>                      | Oswaldo Luís Cordeiro Teles      |
| <b>2ª Secretária de Finanças</b>                       | Arnaldo Borba Júnior             |
| <b>1ª Secretária Jurídica</b>                          | Fábio Rodrigo Conde              |
| <b>2ª Secretária Jurídica</b>                          | Maria Alice Alkmim               |
| <b>1ª Secretária de Relações Políticas e Sindicais</b> | João Jorge de Araújo Armênio     |
| <b>2ª Secretária de Relações Políticas e Sindicais</b> | Hélio Maia                       |
| <b>1ª Secretária de Comunicação Sindical</b>           | Antônio Rodrigues da Silva       |
| <b>2ª Secretária de Comunicação Sindical</b>           | Bruno Müller Mata da Silva       |
| <b>1ª Secretária de Educação e Cultura</b>             | Andréa Cristina Teodoro          |
| <b>2ª Secretária de Educação e Cultura</b>             | Fernando Antonio da C. Vieira    |

### **DIRETORIA REGIONAL Regional Sul**

Cristiane dos Reis Ulrichsen  
José Carlos Vieira  
Luciano Zarur  
Marcella Mendonça da Fonseca

Valéria Rezende Lobo  
Wladimir Cerveira de Alencar

### **DIRETORIA REGIONAL Regional Barra / Jacarepaguá**

Elton Rodrigues de Souza  
Gerson do Santos Seabra

Viviane Ferreira de Lima

### **DIRETORIA REGIONAL Regional Oeste / Base Estendida**

Arthur Luis Martins  
Fábio Emídio Linhares  
Luiz Henrique Bandeira

Ireni Felizardo  
Jayram Saraiva Uchoa  
Juliana Silva de Souza

**DIRETORIA REGIONAL**  
**Regional Centro / Tijuca**

Aurino Baptista Júnior

Gisele Calamara Câmara Chaves

Izabel Cristina Costa

Mariana Souza Temoteo

Yara Maria Pereira

**DIRETORIA REGIONAL**  
**Regional Central / Norte**

André Luiz de Azevedo

Arthur Lobo Vieira

Eliza Barbosa Estevão

Izabela Mendes da Silva

Mário Maturo Coutinho

**CONSELHO FISCAL**  
**Suplentes**

Deyse de Souza Coutinho

Gustavo Henrique Cornélio

Newvone Ferreira da Costa

**DELEGADOS SINDICAIS**

Adalgiza Burity da Silva

Antônio Cesar Pereira

Bayron Thadeus Costa

Carlos Alberto Absalão

Dilson Ribeiro da Silveira

Gabriela Oliveira Gayer

Heitor Cesar Ribeiro

Heloisa Helena Tavares

Ivano Costa Souza

João Paulo Câmara

Luiz Augusto Leão

Luiz Edmundo Vargas de Aguiar

Luiz Claudio Espirito Santo

**DIRETORIA REGIONAL**  
**Regional Leopoldina / Ilha**

Julia Queiroz Arêas

Magna Correia de Lima

Marcelo Ferreira Sant'Anna

Maria Aparecida Oliveira

Wellington Douglas Carneiro

**CONSELHO FISCAL**  
**Titulares**

Ana Lúcia Guimarães

Leila dos Santos Azevedo

Marco Antonio da Costa

Maria Eduarda Quiroga

Maria José Lourenço

Marina Job Espírito Santo

Mitã Coelho Chalfun

Orlando Falsett Filho

Ricardo C. Faria

Ricardo Ferreira Lourenço (Pardal)

Suzane P. Peixoto

Valdeci Borges

Vania Bretas

Vera Lúcia Neri

Wellington Freitas

## SUMÁRIO

|                   |   |
|-------------------|---|
| APRESENTAÇÃO..... | 9 |
|-------------------|---|

## POESIA

|                        |    |
|------------------------|----|
| Íntimo<br>Milagre..... | 11 |
|------------------------|----|

|                               |    |
|-------------------------------|----|
| Triste Fim do<br>Milênio..... | 14 |
|-------------------------------|----|

|                                  |    |
|----------------------------------|----|
| Antes de Mim Já Era<br>Você..... | 16 |
|----------------------------------|----|

|                                      |    |
|--------------------------------------|----|
| Historiador Virando<br>História..... | 18 |
|--------------------------------------|----|

|                 |    |
|-----------------|----|
| Lembranças..... | 19 |
|-----------------|----|

|                          |    |
|--------------------------|----|
| Vozes<br>Acadêmicas..... | 20 |
|--------------------------|----|

|                          |    |
|--------------------------|----|
| O Tempo da<br>Idade..... | 22 |
|--------------------------|----|

|            |    |
|------------|----|
| Águas..... | 23 |
|------------|----|

|                |    |
|----------------|----|
| Castração..... | 24 |
|----------------|----|

## CONTO

|                         |    |
|-------------------------|----|
| Apenas Três Notas ..... | 26 |
|-------------------------|----|

|                                                  |    |
|--------------------------------------------------|----|
| Tradução.....                                    | 30 |
| Silêncio e Fé.....                               | 32 |
| No Coração da Mãe Há Sempre um Lugar a Mais..... | 38 |
| O Dia em Que o Professor Parou de Falar.....     | 45 |
| A Fuga.....                                      | 46 |
| O Professor e o Panda.....                       | 52 |
| A Mulher que Guardava Amanhãs.....               | 54 |
| Expectativa.....                                 | 58 |
| CRÔNICA                                          |    |
| A Cidade Sou Eu.....                             | 60 |
| Nem Amanheceu ainda.....                         | 61 |
| A escola.....                                    | 65 |
| Atos Sem Palavras.....                           | 67 |
| Ao Lúcio, com carinho.....                       | 69 |
| Uma História Que Conta Geografias Que Matam..... | 71 |

|                                    |    |
|------------------------------------|----|
| O Peso do<br>Cuidar.....           | 75 |
| Leilão de Livros e<br>Emoções..... | 79 |
| Um Dia Comum .....                 | 81 |

# APRESENTAÇÃO

O Sindicato de Professores do Município do Rio de Janeiro e Região (SINPRO – RIO) apresenta o e-book com os trabalhos premiados de seu concurso literário Vozes Docentes.

O concurso foi dividido em três categorias: conto, crônica e poesia. Para a avaliação do concurso foram convidados professores com experiência na área de ensino de literatura e de concursos. Com mestrado e doutorado nos diversos campos da literatura.

Após a premiação foram escolhidos os trabalhos que seriam publicados pelo Sinpro-Rio. Trabalhos de qualidade que enriquecem o leitor e que atestam a força da categoria que participou ativamente do concurso.

Teremos outros concursos. É um compromisso da Secretaria de Educação e Cultura do Sinpro-Rio. Que a categoria participe ainda mais ativamente do próximo concurso.

E que a publicação gratuita desse livro com os melhores trabalhos fortaleça os laços entre o professorado e seu sindicato. Vivemos da defesa dos nossos direitos, da luta por melhores condições de trabalho, vida e valorização da categoria. Mas também vivemos de poesia, crônicas e contos. Portanto, coube ao Sinpro-Rio valorizar a arte da vida, a poesia do ensinar e aprender.

Um sindicato forte faz do cotidiano do trabalhador o caminho para consolidar seu papel de interlocutor dos anseios da sua categoria. O Sinpro-Rio se destaca por cumprir esse papel. Guardião dos nossos direitos, ator central nas lutas políticas e sindicais travadas desde sua fundação em 1931, e também, um espaço de diálogo crítico com o saber, o conhecimento ao longo de décadas com seminários, palestras, encontros e cursos. Que a categoria curta esse livro e participe ativamente do próximo concurso literário.

Que tenham uma boa e agradável leitura.

Diretoria do Sinpro-Rio

# POESIA

# ÍNTIMO MILAGRE

Renan Oliveira de Vasconcelos

Há entre nós uma proximidade que não se resolve,  
como duas margens que se acompanham  
sem jamais se tocarem por inteiro.

E, no entanto, é aí — nesse quase —  
que repousa o que sinto.

Não te compreender  
não é falha:  
é delicadeza.

É deixar-te existir sem que eu te reduza  
ao pouco que sei nomear.

Porque toda vez que penso ter-te alcançado,  
algo em ti recua —  
não por distância,  
mas por profundidade.

E eu fico,  
não frustrado,  
mas rendido.

Há uma beleza íntima em estar contigo  
sem possuir resposta alguma.

Como se a vida, ao teu lado,  
me pedisse menos certeza  
e mais entrega.

Admiro-te no que não sei dizer.

No gesto que não se explica,  
no silêncio que não pede tradução,  
na forma com que existes

sem parecer precisar de sentido.

E isso me comove —

de um modo calado,  
quase secreto.  
Porque há pessoas que se entendem,  
e há aquelas que se encontram.  
E encontrar-te  
foi como tropeçar em algo raro,  
sem ter procurado.  
Uma espécie de sorte  
que não se anuncia,  
mas se reconhece depois —  
quando já é tarde demais  
para fingir indiferença.  
Contigo, os dias não se organizam:  
eles se abrem.  
E eu, que tantas vezes me recolho  
em pensamentos que não levam a parte alguma,  
aprendo contigo uma outra forma de estar —  
menos exata,  
mais viva.  
É como se dividíssemos não apenas o tempo,  
mas a própria sensação de existir.  
E há um prazer quieto nisso:  
o de partilhar a vida  
sem a necessidade de justificá-la.  
Sem promessas grandes,  
sem palavras definitivas,  
  
apenas essa permanência leve  
de quem escolhe ficar —  
mesmo sem saber por quê.  
E eu fico.  
Fico porque há em ti uma presença  
que não pesa,

mas ocupa.

Fico porque, ao teu lado,

o mundo perde um pouco da sua aspereza.

Fico porque há, no simples fato de estarmos,

uma espécie de milagre discreto

que não ousa explicar.

E talvez seja isso o mais íntimo de tudo:

não o que dizemos,

nem o que entendemos,

mas aquilo que, sem aviso,

nos acontece —

e nos muda,

devagar,

por dentro.

# TRISTE FIM DO MILÊNIO

Nilton Rodrigues Junior

Abre seu infinito,  
Nessa rima sem rumo,  
O milênio dos desterrados.  
Matam se as crianças,  
Os velhos,  
Os adultos,  
Os sem-terra,  
Os pobres,  
Os favelados,  
Os negros,  
As mulheres.  
Sobram as sombras,  
As dores,  
As mazelas,  
Os espaços vazios,  
Os cofres cheios,  
As bocas famintas.  
Abre-se o milênio, o decênio, o ano, o dia, a hora.  
Muda-se a vida,  
O planeta,  
A ecologia,  
O partido,  
O discurso,  
O governo,  
A Esperança.  
Sobram a morte,  
A tristeza,  
A AIDS,  
As vacinas doentes,

As falsas ideologias,  
Os esgotos entupidos.

2

Abre-se o milênio, o decênio, o ano, o dia, a hora.  
Perde-se o destino,  
A Mata Atlântica,  
O Rio,  
A tartaruga,  
O mar.  
Sobram as secas,  
As enchentes,  
Os deslizamentos,  
As crianças chorando,  
Os órfãos do medo,  
A certeza do fim.  
Abre-se o milênio, o decênio, o ano, o dia e a hora.  
Milênio que se abre,  
Que se mata,  
Que se muda,  
Que se perde.  
Milênio dos desterrados,  
E de novas lutas.

# ANTES DE MIM JÁ ERA VOCÊ

José Fernando da Cruz Nunes

Antes do tempo medir os dias,  
antes da vida me vestir de agora,  
eu já te buscava nos ventos,  
nas entrelinhas do destino.

Havia em mim um vazio manso,  
um espaço feito da tua ausência,  
como se minha alma soubesse  
que só em ti encontraria morada.

Então vi teus olhos – e neles, todas as respostas.  
Era como voltar para casa sem nunca ter partido.

Te amar não foi escolha,  
foi lembrança de algo eterno,  
como se meu coração já soubesse teu nome  
antes mesmo de batizar-se amor.

E se um dia o tempo nos apagar,  
se a vida nos dobrar em distâncias,  
ainda assim serei tua sombra,  
teu reflexo em todas as auroras.

Pois há encontros que não começam,  
apenas continuam.

Há amores que não nascem,  
apenas despertam.

E o nosso amor é desses:  
antigo como a primeira estrela,  
silencioso como a noite antes da criação,  
profundo como os mares que guardam segredos.

Se todas as memórias se perderem,  
se os caminhos forem apagados pelo vento,

restará ainda algo impossível de destruir:  
o reconhecimento.

Porque antes do primeiro olhar,

antes da primeira palavra,

antes do primeiro toque,

antes mesmo de eu saber quem era,

já era você.

# HISTORIADOR VIRANDO HISTÓRIA

Gilian Almeida da Costa Relvas dos Santos

O homem anda e produz.  
Cansa na ação e delega sua posição.  
Sem exceção, cria e entrega o pão.  
Brinca de patrão, sorri feito dono da produção.  
Do trabalho que conduz, não vê a luz.  
Do suor de sua escrita, a receita é perdida.  
Sendo a história sua glória, o papel sua forma.  
Vem o futuro, promissor seguro.  
Nada mais infortúnio, a ladear o próprio túmulo.  
Seca a testa, molha as mãos e não faz.  
Fazer é exceção, agora é memória.  
Faz de conta sem opção.  
Da mente parada, linhas sem função.  
Contar, lembrar ou memorizar a IA o fará.  
Chega de ser piada, a máquina faz toda a entrada.  
O professor deixa a farsa assumir sua graça.  
Historiador virando história dentro de uma joça.  
Rir para alguns, sendo ignorância abençoada.  
Dança afastada que não pede refrão.  
Vozes caladas pelas teclas da solidão.  
Almas vazias sem direção.  
Colapso humano na imensidão de sua própria mão.  
O homem não anda e nem produz.  
A IA entrega o pão e ajuda na sua posição.  
Lá se vai o último ao chão por sua própria mão.  
Nada substitui sua emoção, dando ao outro opção.  
Tenha atenção, nem mesma a IA pode ser o perdão.  
Cada canção exige um refrão para sempre em vão.

# LEMBRANÇAS

Renato Alves Barrozo

Eu não consigo esquecer  
daquele tempo de faculdade  
e que quando entrava as férias  
eu morria de saudades

Eu não consigo esquecer  
o seu corpo de estudante  
que numa aula diferente  
nos deixava tão distantes.

Eu não consigo esquecer  
que num abraço de beijos  
sempre havia um caderno  
atrapalhando nossos desejos.

Eu não consigo esquecer  
que nesse tempo aprendi  
a amar como um louco  
quem eu nunca esqueci.

# VOZES ACADÊMICAS<sup>1</sup>

Marcio Bernadino Sirino

A voz da minha orientadora de Doutorado

Destroçou fundo o meu peito.

Ela trazia suas percepções, seus discursos,

não abria espaço para o afeto

e me adoeceu profundamente.

A voz da minha orientadora de Mestrado

sarou profundo o meu peito.

Ela coloria meus textos, quando eu me não me compreendia,

tornou o processo formativo mais leve

e fez-me acreditar em mim mesmo.

A voz do coordenador da minha primeira Pós-Graduação

cortou fundo a minha carne.

Ele narrava sobre visceralidade, quando eu emergia,

fez picadinho da minha visão de mundo

e me ajudou a construir uma compreensão ampliada de sociedade.

A voz da minha professora da Graduação

curou profundo a minha carne.

Ela abriu a carteira, quando eu desistiria,

pagou minhas contas com a instituição

---

<sup>1</sup> Esta construção poética foi inspirada no poema Vozes-Mulheres, de Conceição Evaristo, e se manifesta como um agradecimento ético às vozes que me constituíram academicamente, mas, também como um compromisso político de destituição de vozes opressoras e, ainda, de valorização das vozes, historicamente, oprimidas.

e me possibilitou finalizar o processo formativo.

A minha voz destroça, sara, corta e cura – peito e carne.

No movimento da (re)existência acadêmica,

destroça a lógica eficientista,

sara a dor da desigualdade educacional,

corta o limite epistemológico

e

cura o sofrimento psíquico

com voz, mas, sobretudo, com escuta.

A voz dos meus estudantes

afasta todas as demais vozes

e permite cada um construir sua própria voz.

Não temem mais as vozes (im)positivas,

não se silenciam.

As vozes são discursos.

Tudo é linguagem.

Ecoam vozes entre corpos dissidentes.

Eu não sou o Outro,

mas me permito sentir com o Outro.

# O TEMPO DA IDADE

Ivaldo Gonçalves de Lima

Tempo e idade alteram o curso da vida.

O tempo de vida acumula, pesa, concretiza.

A idade vivida abstrai, enleva, liberta.

A idade requisita o tempo como o significado busca o significante;  
como no encontro da ideia do número com o grafema do algarismo.

O tempo é plano e se pode contabilizar; ele quer se cronometrar.

A idade é redonda e quer se contar, ser contada; ela se relata.

O tempo é precisão; a idade é estimativa.

O tempo é uma quantidade; a idade uma qualidade.

Os pronomes confirmam: quanto tempo, qual idade?

A idade é esférica, um campo de forças dinâmico perseguido pelo tempo.

O tempo da idade: a melhor idade com mais tempo.

O que precisamos ter é tempo para sermos idade.

# ÁGUAS

Aline Monteiro Garcia

possíveis vidas  
feridas  
pedaços.

Um belo dia  
ela falta  
some por  
muitas luas.

Jorra água  
branca  
pelos seios  
alimenta a  
vida.

Retorci-me  
ao avesso  
diluí nessa  
água  
os nervos da

memória.

Morri.

Juntei cacos,  
engarrafei as águas,  
dei de beber  
à Ave-Fênix.

# CASTRAÇÃO

Paloma Cristina da Silva Feitosa

Se eu disser descanso  
Em vez de cansaço,

Se eu disser direito  
Em lugar de dever,

Se eu disser liberdade  
Em vez de privação,

Se eu disser pouco  
Em lugar de excesso,

O débito será lançado com juros.  
Os dedos serão apontados.  
O medo se manifestará invejoso.  
O sucesso será posto em xeque.

Ainda que sejam (ingênuos) atos falhos,  
A crítica só constrói a palavra  
Do que a práxis não recalcou.

E isso é pouco,  
Porque eu sequer falei de amor.

# CONTO

## APENAS TRÊS NOTAS

Ana Lúcia Brasil Malecha

Seus dedos dedilhavam. Na sala escura, apenas duas grandes luminárias iluminavam o piano preto. Um Steinway & Sons com sua alma exposta. E as notas saíam daquela enorme costela aberta. De seu interior vibravam as notas pelos inúmeros filamentos amarelos. Sala vazia. Ensaio. Só o pianista e eu. Sozinhos naquela imensa sala. Notas delicadas, lentas, suaves me enchiam, me paralisavam. E ele lia sentimentos indecifráveis naquele pequeno livro branco sobre o piano. Ele lia sem letras um texto, um poema, uma carta, uma memória, um choro. Talvez narrasse sobre um encontro, uma despedida, um lugar. Daquelas notas, daquela costela aberta, daqueles dedos saía um sopro que chegava a mim e me envolvia. Como uma fumaça que a tudo nublava me enchi de silêncio para ouvi-la. Silêncio de alma, silêncio dos batimentos, quase sem poder respirar.

Quando me vi, estava sentada. Uma pasta de papéis sobre as pernas, mãos inertes. A música parou. O pianista passou um lenço entre as mãos. Enxugou a testa. Guardou o lenço no bolso direito de sua calça, pegou uma flanela que ele apoiava ao lado do piano e limpou as teclas. A mim parecia que ele queria apagar todas as histórias contadas, lembranças evocadas, lugares viajados. Deixar tudo em branco, vazio novamente.

Após uma longa e cuidadosa limpeza das teclas, cobriu-as com uma longa flanela verde que parecia silenciar-las de forma definitiva. Elas pareciam adormecer. Fechou silenciosamente a tampa que cobria as teclas. Com a flanela de limpeza foi até a grande costela. Investigou o seu interior e com grande habilidade e força, abaixou a haste que sustentava a abertura e silenciou de vez aquele piano. Enorme corpo negro e brilhante que ocupava todo o palco. O pianista se foi. Palco vazio. Ao longe, vozes. Ele parecia falar com alguém. Longo silêncio se seguiu e eu completamente esvaziada de tudo que era mundo, não conseguia me mover, sair dali.

Uma voz me chamou

-Senhora, precisamos fechar a sala.

Me levantei assustada e envergonhada.

-Me desculpe, já estou saindo.

Deixei a pasta cair. Barulho. Por sorte nenhuma folha caiu. Quando me abaixei para pegá-la, minhas costas bateram no braço da cadeira. Barulho. Saí atordoada e com raiva de mim.

Entrei naquele prédio simplesmente para pegar a programação de concertos do mês. Não havia ninguém no balcão de entrada. Vi a porta da sala aberta e não resisti. Fui entrando naquela sala escura, fechada, fresca, silenciosa e, a cada passo mais distante de tudo, me deixei conduzir por aquelas notas que ouvia sair de um grande piano e das mãos de um jovem de calças pretas, camisa branca e cabelos negros. Somente ele e o grande instrumento brilhoso ocupavam todo aquele espaço e sem sentir me deixei ficar.

Saí do prédio. Luzes, movimento de carros, vozes, buzinas, esbarrões. Segurando a minha pasta azul de folhas, segui até o ponto de ônibus. Parte de mim estava aliviada por sair dali. Algo estranho havia acontecido na sala escura. Eu tinha perdido a sensação do meu corpo. Uma tontura tinha tomado os meus sentidos. Engraçado, tudo aqui fora estava mais brilhante, mais nítido, os sons, as luzes, as vozes e tudo me atordoava.

Ao chegar ao ponto de ônibus, avistei no restaurante em frente, com vários amigos, o jovem pianista. Ele sorria muito. Aquelas mãos seguravam agora uma caneca de cerveja. Os amigos brindavam. Suas mãos também mergulhavam algo como um pequeno peixe em um molho. Comia displicentemente.

Um enorme ônibus parou no ponto escondendo a minha visão do restaurante. Ônibus barulhento, cheio de fumaça. Pessoas entravam apressadas. Outras desciam cansadas. O motorista demorou a sair, discutia com o fiscal da linha sobre o baixo número de passageiros no ônibus. O motorista culpava o Josué que passou a frente dele. Josué era o motorista da mesma linha que, segundo diziam, não respeitava a ordem de saída da garagem e corria para pegar mais passageiros não mantendo a ordem de saída dos ônibus. Os poucos passageiros que estavam no coletivo começaram a reclamar e o ônibus finalmente saiu. Fumaça, barulho.

Quando pude ver novamente o restaurante o pianista havia mudado de mesa. Estava conversando com uma moça. Um em frente ao outro. Ele tocava com as pontas dos seus dedos os cabelos cheios de cachos da moça... Tocava com as costas dos dedos seu rosto..entrelaçavam as mãos. Por algum tempo conversaram com suas mãos coladas apoiadas sobre a mesa.

Dois ônibus pararam no ponto. Novo entrar e sair de passageiros. Novamente a pressa em subir, o cansaço em descer. Fumaça, barulho

Ao saírem do ponto, pude novamente retomar a minha visão do restaurante. O pianista havia retornado a mesa dos amigos e se mantinha em pé conversando e sorrindo. Apoiava suas mãos no espaldar de uma das cadeiras. A moça que há pouco o acompanhava na outra mesa, estava com a cadeira recostada na parede, sozinha, fumando um cigarro. Parecia desconfortável e triste. Sem pensar, saí do ponto de ônibus. Atravessei a rua e me sentei no restaurante em uma mesa próxima a da moça. O garçom chegou. Pedi uma cerveja. Queria parecer normal, familiar ao lugar. Perto da moça, pude ver que ela não era muito bonita. Um tipo normal. Eu o via de costas. Adoraria que ele se virasse e olhasse para mim, mas ele não se voltava. Ao contrário, sentou-se à mesa de costas para mim. Quem seria aquele mágico pianista da sala escura, silencioso, cuidadoso, terno que agora se revelava tão pleno de normalidade, tão real, tão banal? Para me sentir participante do lugar, pedi uma porção de aipim. Após um longo tempo observando a alegre mesa de amigos do pianista, vi que a moça que ele tocou tão carinhosamente tinha pedido a conta e se despedia do grupo de amigos de forma tranquila e leve. Tinha apenas feito um suave afago nos cabelos negros do pianista.

Senti ciúmes. O que ele teria visto nela? Eram mais que amigos? De repente o pianista se levantou e veio em minha direção. Ao passar, esbarrou sua perna na minha mesa derrubando minha segunda caneca de cerveja. A bebida escorreu e caiu sobre o meu colo. Ele tentou segurar o copo, mas não conseguiu. Com um guardanapo de pano apertou sua mão contra a minha barriga para secar um pouco a roupa. Contraíu o guardanapo sobre o meu umbigo. Me pediu desculpas e se lamentou pelo acontecido. Sem fala, assustada com a pancada, sentindo o gelo da cerveja esfriar a pele sob o vestido de pano fino, voltei a sentir a tontura, a perda da respiração, o esvaziamento.

O pianista retirou sua mão e pediu uma nova cerveja ao garçom. Ainda sem fala, me sentei com um sorriso frágil dizendo, finalmente, que estava tudo bem. O pianista tocou em meu ombro ao passar por mim. Seus dedos dedilharam três notas em meu ombro.

Apenas três notas. Teria sido impressão? Seria apenas um movimento involuntário para ajudar na locomoção num lugar que agora parecia tão estreito e cheio? Em poucos minutos o garçom trocou a toalha e voltou com outra cerveja. Silenciosamente tomei um grande gole para retomar a minha respiração. O pianista voltou para a mesa de seus amigos por um novo caminho. Não passou novamente por mim. Não me olhou. Foi apenas urinar. Não

lembrava mais que havia derrubado uma caneca de cerveja em minhas pernas e barriga. Não imaginava que havia dedilhado em meu ombro aquelas três notas.

Paguei a conta. Deixei o lugar sem olhar pra trás. Voltei ao ponto de ônibus e esperei o 410. O ônibus que me levaria para longe da certeza de minha solidão.

# TRADUÇÃO

Janaina de Souza Silva

Desde que ficou surda, Sara passou a entender melhor o mundo. Talvez por uma coincidência do destino, talvez pela necessidade de aguçar outros sentidos, passou a enxergar melhor as pessoas. Assim, já não discutia mais com os pais, porque entendia seu profundo sofrimento diante da tragédia que se abatera sobre sua filha mais velha; do mesmo modo, afastou-se da amiga de toda uma vida que não sabia lidar com sua nova condição – as pessoas se revelam quando diante grandes dificuldades, não é verdade?

Passou a buscar alternativas diante de sua nova realidade e isso lhe permitiu sair da zona de conforto em que se encontrava. Abriu-se para o mundo como se esta fosse sua última chance de alcançar a felicidade que nunca tivera dantes.

O ex-namorado figurava dentre tantas outras figuras que saíram da vida de Sara como pesadas correntes que ela arrastava para onde quer que fosse. O fato é que não era feliz e assim como milhares de pessoas apenas vivia reagindo aos estímulos externos.

Mas foi sob esta nova condição que conheceu Nino, um ouvinte no mais amplo sentido da palavra. Ele não só conhecia a linguagem dos surdos como também a linguagem que em cheio atingia o coração de Sara. Encontraram-se por acaso em um dia que ela saía do Ines apressada para chegar ao novo trabalho – normalmente é assim: quando distraídos do mundo e imersos no si-mesmo que chega o grande amor. Esbarraram-se. Os papéis que estavam nas mãos de Sara voaram para todos os lados. Nino apressou-se para ajudá-la quando percebeu que precisava usar Libras. Para ele, professor-intérprete nada difícil. Difícil mesmo foi construir um novo mundo em que esses dois territórios se cruzavam: o território dele, ativo, atento aos sons do mundo, do farfalhar das folhas, do som das ondas do mar; o território dela, do silêncio, da gesticulação, da introspecção profunda.

Obviamente que a profundidade dessa relação atingiu a ambos – ele, que não se imaginava numa relação, ainda mais com uma jovem surda; ela que não se imaginava confrontada com o amor nesses tempos em que os indivíduos não reconhecem no outro e na sua diferença a possibilidade de felicidade.

E, aconteceu, como num conto de fadas. Foram felizes. Por um tempo, já que sabemos que contos de fada não existem. E então começou uma nova aprendizagem para Sara – a aprendizagem dura e amarga sobre os homens. Esse amor que se iniciou como acolhimento, transformou-se em ciúme excessivo, mediação exaustiva. Nino queria traduzir Sara para o mundo ao mesmo tempo que lhe dava contornos. Antecipava-se a ela: no café, explicava o que ela queria para a garçonete antes mesmo que ela visse o cardápio; com os amigos, agora já adaptados aos dois territórios, completava as frases de Sara antes mesmo de ela terminar os gestos; mandava mensagens alertando-a sobre o perigo de sair do trabalho e ir beber com os amigos ao invés de ir para casa. O amor transformou-se em outra coisa. E Sara, que já sabia ver o mundo e as pessoas, sentiu-se impelida a tomar uma decisão.

Naquela noite após o jantar e após ser mais uma dentre tantas vezes traduzida, Sara olhou demoradamente para Nino. Levou as mãos até o peito, respirou profundamente e sinalizou devagar, como quem devolve ao mundo uma verdade esquecida:

— Não preciso que me traduzam.

Nino observou seus gestos atravessarem o ar e não os interrompeu, algo que há um tempo não acontecia.

Sara virou as costas. Caminhou pelas ruas enquanto a madrugada se insinuava no céu limpo e estrelado. O vento bagunçou seus cabelos; folhas moveram-se acima dela; pessoas falavam, carros passavam, o mundo inteiro seguia produzindo sons que jamais voltariam a alcançá-la.

Mas, não eram só os sons do mundo que não voltariam a atingi-la. Sorriu.

Porque há silêncios que não nos esvaziam.

Há silêncios que finalmente nos devolvem a nós mesmos.

# SILÊNCIO E FÉ

Nilton Rodrigues Júnior

Alguém puxa a corda do sio que toca sonoro e inevitável.

Ainda é muito cedo para o sol nascer, mas o avermelhado por entre as montanhas invade meu espaço e ilumina cada canto e fresta do meu refúgio. Banha de luz cada história da minha vida, dilacerando meu interior e espelhando pedaços de mim ao brilho de uma luz que não vejo, mas sinto.

O dia se aproxima lentamente, bem lentamente, mais lentamente do que desejo. Nesse tempo suspenso, dou-me conta de que minha vida nunca foi a mesma nesses anos que aqui estou.

Olho em volta do quarto. Vejo cores. Cores atrás da porta, que guarda e amarrota minha vida. Cores na cama, que permite o remexer inquieto do meu corpo. Cores no criado-mudo, que fala pelos cotovelos, revelando segredos infames. Cores na janela transparente, tomada por um prelúdio de luminosidade que expõe o mistério em que estou mergulhado.

Há também as cores desta casa onde moro, do bairro, da cidade e de todo o Planeta.

Mas, para essas cerro intencionalmente meu olhar.

Minha vida são cores misturadas e confusas. Cores que se revelam e que sempre acabam ofuscadas pela Luz que contém todas as cores.

Hora de acordar e deixar com que essas nuances embalem meu dia.

Sempre novas cores me espreitam. Massacram-me. Rodopiam no ar, na vida e na fé.

Como diz o Salmo 62: *Penso em Vós no meu leito, de noite, nas vigílias suspiro por Vós! Para mim fostes sempre um socorro; de vossas asas à sombra eu exulto! Minha alma se agarra em Vós; com poder vossa mão me sustenta.*

Alguém insiste em puxar a corda. As badaladas desse estridente sino ecoam pelos corredores.

Uma badalada. Uma foi a mulher que não tive. Poderia ter tido apenas uma. Gostaria que fosse apenas uma. Mas, não foi.

Duas badaladas. Dois foram os únicos amigos que tive. Dois inseparáveis amigos. Dois grandes amigos. Dois e somente amigos.

Três badaladas. Três eram as pessoas que moravam em minha antiga casa. Agora são duas. Sou filho único. Às vezes, orgulho. Outras, decepção.

Quatro badaladas. Esse bendito sino que me acorda de meus sonhos, aqui no meu quarto, me lembrando que já é hora de tocar no chão da vida.

Uma, duas, três, quatro badaladas mexem com minha cabeça, com minhas lembranças, meus sonhos e meu corpo.

O sol ainda não nasceu. Não há luz natural. Dependemos das parcas arandelas e de nossa própria luz interior. Não sei ao certo a que horas o sol nascerá hoje, mas anseio por sua luz e por seu calor, por sua brancura escandalosa.

Abro os olhos definitivamente. Encaro o teto branco e nu. Desejo um banho. A noite foi quente e minha mania de suar ainda não passou, assim como não passou a mania desse sino de soar. Insisto em permanecer molhado a noite inteira. Gosto de me sentir assim. Minha cela pequena, não tem muita ventilação, o que piora as noites quentes e abafadas dessa época do ano. O calor se aloja impiedoso. Mal começou o verão, e ele já se instala no meu corpo, grudado na pele, obrigando-me a sacudir de um lado para o outro na cama.

Ah, quanto eu daria para ter um ventilador!

Mas, o supérfluo deve ser deixado de lado. Não o ventilador, e sim o desejo de possuí-lo.

Também o banho terá que esperar, como tantos outros desejos.

Benditos desejos.

Não haveria tempo de estar às 4:20 h na capela para a *Prima*.

Meu ritual da madrugada é longo para os poucos vinte minutos de que disponho. Preciso despir as roupas do mundo e vestir as roupas de Deus. Roupas que assumo como minha própria pele. Escudo e proteção contra o mundo e contra todos aqueles impiedosos desejos. Uns chama de hábito, eu chamo de refúgio.

Benditas roupas. Bendito refúgio.

Levanto-me num só pulo. Minhas divagações não duraram mais que dois ou três minutos dentro da eternidade. Estou de pé. Nu. De roupas, dos desejos, e de mim.

Meu hábito preto pendurado atrás da porta, chama-me. É pesado. Pesado pelo tecido. Pela cor preta neste país tão tropical. Pela sua significação. Por já fazer parte de meu corpo. Sinto seu pano roçar minha pele como mãos macias, mãos de Deus, é claro!

Lembro-me da santa regra de Nosso Pai São Bento: *castigar o corpo*. Castigar com o hábito, com o chicote, com as proibições, com os desejos.

Coloco o capuz, o escapulário, o cinto de couro, as meias e o sapato. Tudo preto. É vestir e sair pelo corredor longo, que conduz a capela. Último destino. Último desejo.

No corredor, encontro outro monge. Cumprimentamo-nos com um aceno de cabeça. Guardar silêncio é uma vocação. Não falar é um querer. Recolhimento e oração esculpem nossa vida. Devemos dar voz apenas o mínimo necessário e cumprimentar um semelhante, um irmão de fé e de moradia, não é o mínimo necessário.

No corredor lembro-me da noite, do calor, do suor, do desejo pelo ventilador. Reflito, quase rezando, sobre desejos tão inapropriados para um monge contemplativo. Preciso calar-me o antes que o anseio transborde pelo meu corpo, e ultrapasse as fronteiras do meu eu secreto.

Chego à capela. E lá está Deus. De pé na frente da fila o Abade aguarda. Nos postamos de dois em dois para entramos na nave silenciosa, sombria, quase tenebrosa. Casa de Deus. Ela lembra construções dos séculos passados, ornada de ouro, bronze e prata, e de vidas ceifadas de camponês, indígenas e negros. Ornada para Deus. Para os olhos humanos.

Bendita capela.

Fico ao lado do mesmo monge que encontrei no corredor. Sem capuz, reconheço-o como meu companheiro de turma. Entramos no postulante no mesmo dia. Fizemos noviciado juntos. Juntos professamos os votos monásticos. Lembro-me da hora exata: 7:30 h. na missa conventual. Foi ali que, pela primeira vez, fui invadido pela graça. O hábito tocou minha pele, e abandonei meu corpo para ser preenchido por Ele e pela glória de Deus.

Bendita glória.

Foi naquele dia que comecei a odiar a própria vontade, com diz Bento. Lembro-me desse irmão nos bancos da capela, de calça jeans e blusa polo, tênis branco, de uma brancura quase espiritual. Era dia 11 de julho, dia de São Bento. Éramos quatro

postulantes. Apenas nós dois fizemos os votos.

Benditos votos.

Lembro-me bem da nossa profissão, ficamos lado-a-lado como hoje estamos. A mocidade ainda corria em nossos corpos, nossos rostos deixavam transparecer o desejo por Deus, pelas orações e pela vida monástica. Não que hoje esse desejo ardente tenha esfriado, mas nossa juventude parece que passamos na capela. Quarenta anos se passaram. Hoje somos monges respeitados, quietos de palavras e sentimentos. O último e derradeiro sentimento que nos resta é a vontade de ficarmos, cada qual no seu lugar marcado, adorando a Deus.

Mas será que um dia eu tive outros sentimentos?

Penso vagamente na minha adolescência e juventude, nos meus pais, no grupo de amigos, os dois amigos, no tempo de Igreja, no grupo de jovens católicos, nas namoradas que não tive, nos beijos que não dei, nos amores que abandonei. Foram tempos de provação. De risos e choro. De oração solitária. Tempos difíceis.

Bendito tempo.

Meus amigos não compreenderam minha decisão. Nem poderiam. Estava privando-os de mim e deles. O padre que me acompanhava era sisudo e solitário. Muitas vezes fui sua única companhia. Minha contribuição foi de tal maneira essencial, e aqui dispensei a modéstia, que na hora que para cá vim ele tentou me segurar ao máximo, primeiro na paróquia, depois no seminário diocesano. Mas Deus me chamou para cá. Para o silêncio.

Volto minha atenção para a fila, o Abade começa a caminhar. Entramos. *Trabalhar e orar*. Na capela rezamos o *Deus in adiutorium meum intende*, meu único auxílio é Deus. Meu único auxílio na tentação, na perseverança, nos estudos, no almoço e no jantar. Meu único auxílio é Deus.

Bendito Deus.

Volto a pensar em tudo que se passou e que eu não soube saborear. Foram festas que não vivi, mulheres que não toquei. Penso nessa hora em todas as mulheres: Anas, Marias e Fátimas, que eu não pude aproveitar, não pude mesmo, pois antes de ser vocacionado, eu já não podia namorar, eu já não podia pensar em ter alguma mulher. Minha vida de adolescente foi tumultuada, meus amigos que na época começavam a namorar, me pressionaram para que, junto com eles, eu também arranjassem uma companhia amorosa. Na escola, na rua, na Igreja todos me diziam que já estava na idade

para me comprometer com uma menina. Mas eu não queria, eu não podia.

E se eu tivesse escolhido outro caminho? Casado? Gerado vidas? Mas, e a glória de Deus?

Não sei as respostas e pelo visto nunca saberei, pois aqui no mosteiro todas essas perguntas devem morrer. Minha vida deve se restringir apenas a trabalhar e orar. Conviver com outros homens. Monges.

Benditos monges.

Minha atenção se volta para a capela. Começa o cântico de Zacarias. *Benedictus Dominus Deus Israel: quia visitavit, et fecit, redemptionem plebis suae. Illuminare his, qui in tenebris et in umbra mortis sedent.* Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque a seu povo visitou e libertou. Para iluminar a quantos jazem entre as trevas e na sombra da morte estão sentados.

Meu coração se aperta. Culpa. Tristeza. Afasto os pensamentos. Eles atrapalham a oração e a vida. Quarenta anos de obediência. Pobreza. Castidade. Silêncio. Nada disso pode ser desperdiçado com pensamentos vãos.

E se eu jogasse ao alto? E se abandonasse no chão da capela, em direção do altar, de Deus? Tirasse o hábito, minha pele? Corresse nu pelo corredor central até a rua? Procurando a primeira mulher para possuí-la, para perder minha virgindade biológica e espiritual? E se me tornasse um homem qualquer, sem vocação, sem preocupação com Deus e com os outros? Sem nem ser reconhecido na loucura tumultuante da cidade. Sem ter nome, voz e vez. Ser só um número, sem identidade própria, sem preocupação, sem fé.

Meu coração arder. Odiar a própria vontade.

Rezamos o *Domine, exáudi orationem meam*. Senhor, ouve a minha oração.

Todos se levantam silenciosos. Extasiados saem. Permaneço. Não ousar pensar. Respirar. Existir. Sou merecedor de castigo. De castigo eterno. Pequei por pensamento. Por desejo. Contra Deus e a Ordem Beneditina.

Bendita ordem.

Olho o corredor central da capela. O altar. O crucifixo. Deixo-me imóvel.

Não sei se rezo. Não sei se me calo. Permaneço ali, estático, esperando que algo ou alguém me diga o que ainda vale a pena.

Ajoelho-me e digo sim!

Ao voltar silencioso para minha cela, lembro-me de tudo ou do nada que é minha vida.

Sem propósito. Sem desejo. Sem mulheres. Sem amigos. Sem Deus.

Não sei se retorno a um lugar ou a um hábito. O corredor me pareceu mais longo ou talvez seja eu que caminhe mais devagar.

À brisa quente da manhã abafada atravessa meu corpo. Vejo fragmentos de pessoas, casas, situações e horizontes passarem sob meu olhar cansado.

Já não há mais razão para ter medo ou esperança. Coragem ou vacilar. Desejos ou santidade. Nada mais vale a pena. Nem a vida.

Aperto-me dentro do meu hábito, tentando conter algo que não sei nomear. Ele já não consegue mais cobrir meu corpo, meu desejo e meu vazio.

Sento-me na beira da cama. O quarto permanece o mesmo. Percebo que ele é menor do que antes. Ou talvez seja eu que tenha crescido demais para caber. Nem sei mais se ainda estou aqui. Nada acontece. Fico em silêncio.

A luz da manhã entra, enfim, pelas frestas da janela. Não é clara, não é escura. Apenas entra. O sino toca, não sei se é chamado ou despedida. Um toque fúnebre. Deus não fala.

Se existo? Essa é uma bendita pergunta. Sinto que tudo em mim já aconteceu. O que resta é um nada.

O hábito pende em meu corpo, preso por meu cinto de couro. Sei que talvez isso seja realmente fé. Talvez seja apenas medo. Mas, com certeza, é destino. Não me resta nada além de usar esse bendito cinto para dar fim a minha vida.

# NO CORAÇÃO DA MÃE HÁ SEMPRE UM LUGAR A MAIS

Alexandra do Nascimento Aguiar

A mãe gostava de receber as amigas de trabalho, sempre havia espaço para elas dormirem lá em casa, um apartamento de 20m<sup>2</sup> e três cômodos. Quando as recebíamos, os colchões eram retirados de dentro do armário, eram estendidos unidos como um grande tapete com travesseiros e lençóis jogados por cima. Assim que as luzes se apagavam alguém fazia alguma piada sobre a proximidade dos corpos deitados, sobre os odores e os sons de possíveis peidos ou roncos. Algumas amigas da mãe moraram conosco por cerca de um ano, elas chegavam para dormir em uma noite chuvosa, depois elas iam para passear no final de semana e permaneciam até a segunda-feira. Por fim, uma amiga aparecia com bolsas, mochilas e ficava por tempo indeterminado. As nossas hóspedes moravam na Baixada Fluminense e trabalhavam no Centro do Rio, e este era um dos trunfos da mãe, ninguém morava tão perto do trabalho como ela, a menos de 5 km. Contudo, o que de fato a colocava em vantagem sobre as amigas era nós morarmos na Zona Sul, o que significava viver a 15 minutos da praia e do Aterro do Flamengo.

O apartamento onde morávamos não era nosso, era do meu pai, algo que ele nunca nos deixou esquecer. Segundo a mãe, era um acordo de separação: ele não pagaria a pensão, e nós não moraríamos distante dele e em lugar ruim, ou seja, dentro das possibilidades dela. Tudo certo. Mas não para nós, ele exigia favores dela, afinal os dois eram um ex-casal e agora amigos, e nós morávamos “no que era dele”, como a mãe dizia quando ficava puta por não poder negar-lhe algum pedido. Nós não tínhamos telefone e usávamos o da vizinha, e por meio dele o pai nos dava ordens, às vezes ele concluía “você moram no que é meu, não moram?!” e em outros momentos apenas nos orientava, certo de que seria atendido. A comunicação precisava ser rápida para não “ocupar demais o telefone da dona Maria”, por isso nós levávamos papel e caneta para anotar seus pedidos e ele ser objetivo.

As manhãs eram um momento de tensão, pois todas nós acordávamos no mesmo horário, eu, para ir à escola, a mãe e suas amigas, para trabalhar, e a avó, para preparar o café. A dinâmica era assim, uma amiga saía do banheiro enrolada na toalha, a mãe ou outra amiga entrava no banho, enquanto alguém esperava sua vez. O banheiro media

cerca de 1,5 m<sup>2</sup>, cabia apenas um tanque pequeno (que também era a nossa pia) e o vaso sanitário, e entre o tanque e o vaso caía a água do chuveiro. Como não havia espaço para alguém se vestir dentro do banheiro, nós nos trocávamos no pequeno corredor de acesso à porta de entrada, fechado apenas por uma cortina, ou fazê-lo no cômodo sala/quarto, escondendo-se das demais pessoas. No corredor tinha a vantagem de ter um espelho de corpo inteiro, além da relativa privacidade.

A parede do banheiro era geminada a da cozinha e não chegava ao teto, deixava um vão, por isso podíamos ouvir tanto os barulhos de alguém usando o sanitário quanto o borbulhar da água fervente do café. A cozinha era do mesmo tamanho do banheiro, cabia somente a pia e o fogão, a geladeira ficava de fora, em uma parede próxima da cozinha, algo comum em apartamentos desse tipo.

Eu ficava por último para usar o banheiro, segurando o xixi, às vezes eu corria na frente só para usar o sanitário e já ouvia a mãe, “você só vai para a escola, pode esperar, nós vamos trabalhar!” Enquanto a minha mãe e suas amigas se arrumavam, eu soprava o café muito quente e dava goles enquanto mordia o pão com manteiga, o uniforme e a mochila à postos, e quando eu ouvia a mãe se despedir da minha avó “sua benção, mãe”, era a senha para eu poder usar o banheiro. Havia tempo somente para escovar os dentes e lavar o rosto, os sovacos e a parte íntima, vestia o uniforme e corria rua acima para a escola.

As amigas da mãe conversavam, basicamente, sobre namorados, trabalho e família, e todas tinham filhos e filhas, como a mãe. A minha mãe era a mais bonita, mesmo que algumas fossem mais jovens, ela era elogiada pelo seu corpo, sua postura “de miss”, seu bronzado, sua voz, sua elegância. Eu entendia que alguns namorados da mãe e suas amigas eram casados, elas falavam sobre motéis, pensão alimentícia, o fulano é gostoso... Eu me divertia ouvindo essas conversas, e quando a mãe percebia que eu estava prestando atenção, ela fazia algum gesto e o assunto passava para o custo de vida, alguém do trabalho e o ônibus lotado.

Uma das melhores amigas da mãe estava morando conosco, ela era a amiga de quem eu mais gostava, pois me dava atenção, perguntava sobre a escola, ria das minhas bobagens e, por isso, eu a chamava de tia. Ela começou a namorar um funcionário do INPS, o relacionamento se tornou o assunto preferido entre a mãe e suas amigas, afinal “as duas estavam bem”, sua amiga estava namorando um funcionário público, e a mãe,

um militar, dois homens infelizes no casamento e sem possibilidade de separação por causa dos filhos.

O namorado do INPS ia buscar a tia para passearem e ele começou a frequentar a nossa casa, sempre levava algum lanche para todos nós, chocolates para mim e cigarros para a minha avó, era um homem divertido e conversava sobre os programas de televisão que nós duas gostávamos, em especial as novelas.

Certa tarde, choveu muito e o entorno da rua que nós morávamos ficou alagado. Eu havia ido ao mercado para o meu pai e enquanto retornava da casa dele, que ficava quatro ruas próximas da nossa, a chuva despencou em gotas muito grossas e fortes, com trovões e raios. Entrei em um botequim para me abrigar, mas temi que a chuva não parasse antes de anoitecer e decidi enfrentar a rua que parecia um rio. A água alcançava as minhas coxas e pequenas ondas me empurravam para trás, eu achava mais divertido do que tenso, me imaginava dentro de um rio de verdade. Galhos de árvores, sacos plásticos, sujeira boiavam na minha direção, eu os empurrava para o lado e seguia. Já mais perto, consegui subir no muro gradeado de um prédio histórico, eu encaixava um pé, passava este para a próxima grade, e colocava o outro pé. Cheguei ao final da grade sentindo-me a maior aventureira do mundo, só precisei virar a esquina, agora com as águas nos tornozelos, e subir a rua.

As risadas pararam assim que os quatro me viram. A minha mãe perguntava “por que você não ficou na casa do seu pai?!”, a minha tia se preocupava “você vai ficar doente, meu amor!”, enquanto a minha avó trazia uma toalha para me secar. O homem do INPS sorria, “ih! Toda molhada! Coitada! Não quis ficar com o papai, foi?” A minha avó me levou para o banheiro e tomei um banho quente. Enquanto eu estava no corredor vestindo roupas secas, ouvi a mãe e a tia insistirem para que ele dormisse conosco. A tia e seu namorado dormiram no sofá-cama de casal, a mãe dormiu na bicama, onde eu dormia com a minha avó, e nós duas juntas num colchão de casal.

Havia um guarda-roupa posicionado como uma parede, até quase a metade do cômodo, onde o sofá-cama ficava encostado, a ideia era criar dois ambientes, sala e quarto. Eu não tinha sono profundo, era comum acordar muitas vezes à noite, e senti vontade de ir ao banheiro, caminhei nas pontas dos pés, descalça para não fazer barulho, e quando passava em frente ao sofá-cama, vi que a minha tia estava dormindo de bruços sobre o peito dele e com os braços estendidos sobre seus ombros, tocando seu rosto. Abri

a cortina, entrei no banheiro sem acender a luz e tentei soltar o xixi bem devagar para manter o silêncio. Ao retornar, próximo ao sofá-cama, eu senti um pé na frente da minha perna, caí sobre os namorados e gritei assustada. “O que isso?!”(mãe) “O que que foi?!” (avó) “Meu Deus! Minha filha, o que houve?” (tia) “Ela tropeçou na minha perna! Ha-ha-ha” (namorado).

A mãe ficou furiosa com o susto e por tê-la acordado e a todos. Chamou-me de estabanada, perguntou se eu era cega, enquanto os outros riam e falavam para voltarmos a dormir, a avó me acalmou, “venha para cama, minha filha. Isso acontece, vá dormir agora”, a mãe apagou a luz, ouvíamos apenas as risadas baixinhas da tia e do homem do INPS. Eu não teria aula no dia seguinte, fiquei na cama com a cabeça coberta, fingindo que dormia, sentia-me envergonhada por causa daquela noite. A avó preparou o café, os três saíram, ele daria carona para a mãe e a tia irem para o trabalho.

O namoro da tia acabou poucos meses depois. A mãe e a tia me levaram numa pizzaria e eu soube do término pela conversa entre as duas. A tia dizia que “as coisas foram esfriando” e que os dois achavam melhor continuar a amizade, “ele é um cara legal blá-blá-blá”, “eu sei o que eu quero para mim e não é com ele blá-blá-blá”. E a mãe dizia que “era uma pena blá-blá-blá”, e que o namoro dela também “estava ruim das pernas”, o militar parecia mais distante e “a mulher dele estava desconfiada de algo”. Por isso ele pediu à mãe uma semana para entender o que acontecia.

Foi um período tranquilo, as amigas da mãe não apareciam há algum tempo, apenas a tia ficava conosco, e para mim estava ótimo. A mãe parecia mais calma e o pai pedia os favores de sempre. A avó e eu respirávamos: período de férias escolares, friozinho de julho, íamos à praça, soneca depois do almoço, novelas à noite. Eu estava com onze anos e a minha alegria era balançar e balançar bem alto no parque da praça, enquanto a minha avó conversava com as senhorinhas suas amigas, depois pipoca na hora de ir embora.

Uma noite a avó e eu assistimos a um filme de terror, eu demorei a dormir porque fiquei impressionada com as cenas de esquartejamento e de cadáveres. Levantei, com medo, para beber água e quando passei pelo sofá-cama, a mãe dormia de bruços sobre o peito nu da tia com os braços cruzados sobre seus ombros, tocando seu rosto. Fiquei parada em frente as duas, esqueci o medo e lembrei-me do namorado do INPS. Peguei o copo d’água e voltei para cama, pensando, e sorri porque entendi, dormi logo em seguida. Pouco tempo depois, eu e a avó chegávamos da praça por volta das 17h, e a tia e a mãe

discutiam, brigavam em voz alta. A tia chorava, a mãe falava com ela de maneira ríspida, “aconteceu”, “você sabia”, enquanto a tia, entre lágrimas, respondia “você não sabe o que quer”. A avó tentou acalmar a tia, deu-lhe água com açúcar, ela pegou uma bolsa de viagem de dentro do armário, amassou as peças de roupa para caberem com os pares de sapatos, jogou a chave sobre o sofá-cama e disse que estava indo embora. Minha avó quis impedi-la, dizendo que ela morava longe, chegaria muito tarde, estava de cabeça quente... “Eu gosto muito da senhora, vocês sempre serão a minha tia e a minha sobrinha, mas não dá mais para mim. Não se preocupem. Amanhã eu virei buscar o resto das minhas coisas”, e saiu. A avó disse para a minha mãe ir atrás dela, e a mãe só respondeu “ela é adulta, sabe se cuidar, mamãe”, entrou no banheiro e, minutos depois, escutamos o som do chuveiro. A casa ficou silenciosa, o som da novela na TV incomodava, fomos dormir mais cedo do que costumávamos.

As amigas da mãe não apareciam mais e ela também estava mais ausente. Quando ela saía para trabalhar avisava a minha avó que retornaria na noite seguinte, pois dormiria na casa de uma colega e, às sextas-feiras, ela avisava que só voltaria no domingo. Ligava para a dona Maria e pedia para falar brevemente com a minha avó para saber se estava tudo bem conosco. As férias haviam terminado, e uma manhã em que cheguei da escola... surpresa! Tínhamos um telefone! A mãe conversava com o meu pai e entregou o fone para eu falar com ele: “Oi, pai. Tudo bem? ... Sim, amanhã depois do almoço eu vou na sua casa e compro para o senhor. Beijo” Ela pegou de volta o fone e eu disse “ele desligou”. Na tarde seguinte, quando levei as frutas para o pai, ele disse algo diferente, perguntou “sua mãe tem namorado, filha?” Eu disse que não. “Tem certeza?” Ele me deu algumas moedas e duas notas do troco, “se você conhecer algum namorado da sua mãe, você conta para o papai?” Eu peguei o dinheiro e disse que sim. Menti.

A mãe colocou um cadeado no aparelho para eu não conversar com as amiguinhas do colégio e gastar muitos pulsos telefônicos, mas a minha avó tinha a chave. As ligações eram quase sempre para a minha mãe, como a avó não sabia ler, ela pedia para eu ouvir e anotar os recados. Eu comecei a correr na frente para atender ao telefone porque isso me divertia: “mãe, é um homem para você”. “Esse homem tem nome?” “Qual é o seu nome?” “É o fulano”. “Oi! (risadas) Sim, foi minha filha quem atendeu. Você vai ficar no quartel hoje?” “Tá. Tudo bem. A gente não se vê há uma semana...”

Uma tarde, a mãe ligou do trabalho avisando que traria pizza. A avó e eu ficamos na expectativa e poucas horas depois, escutamos o barulho da chave, e ela entrou com um

homem, logo atrás, carregando duas caixas grandes. Fui ajudá-la, pois o corredor era muito estreito para ela passar com as bolsas e as pizzas, e reconheci o namorado do INPS. A partir daquela noite, ele se tornou uma visita constante, às vezes dormia conosco, especialmente nos finais de semana. Quando o telefone tocava, o namorado do INPS fazia silêncio. Se era o meu pai, eu ficava tensa e tentava parecer calma, receosa de que ele percebesse algo e descobrisse que eu mentia. Normalmente era eu quem atendia as ligações, e a mãe não queria que a chamasse de imediato, eu sempre deveria perguntar o nome de quem queria falar com ela, e às vezes era o homem do quartel e a mãe balançava o dedo, gesticulando “não”, e eu dizia que ela não estava.

O namorado do INPS continuava trazendo chocolates, cigarros, dava dinheiro para eu comprar gíbi, trazia rosas para a mãe, mais pizzas, contudo a avó não conversava mais com ele com a mesma simpatia e espontaneidade de antes. Talvez fosse por causa da tia, de quem sentíamos muita falta.

Algumas vezes ele nos levava para sair, a avó também ia conosco, e esse dia foi diferente. Nós quatro passamos o dia na praia, lá havia um restaurante com redes de dormir, almoçamos e permanecemos à tarde ali, a mãe parecia alegre, a avó não sorria tanto, mas ria comigo. Eu brincava de “pique tá” com outras crianças de dez, onze, doze anos de idade, corríamos em volta do restaurante e gritávamos. A mãe fez amizade com algumas mulheres com quem estava jogando sinuca, a avó tinha deitado em uma das redes e cochilava. O namorado do INPS me chamou e me puxou para sentar em seu colo. Estávamos na frente de todos, ele me colocou de forma que as minhas pernas ficassem enganchadas em torno da sua cintura, eu estava sem jeito, meu coração batia forte, eu não conseguia olhar para ele, sentia vergonha. Olhei para a mãe que estava na mesa de sinuca, ela ria muito e estava pronta para dar uma tacada. Eu não queria atrapalhá-la com bobagens, com não sei o quê. Eu sentia o calor dele atravessando o meu short, que eu vestia sobre o biquíni, ele me abraçou, segurando as minhas costas de maneira que eu fiquei colada em seu corpo. Eu queria sair de seu colo, mas eu não conseguia porque sentia medo de desagradá-lo, enquanto isso ele perguntava perto do meu ouvido, “você gosta mais de mim ou do seu pai?”. Eu não respondi e ele repetiu com mais intensidade, quase querendo uma confissão, “você gosta mais de mim ou do seu pai?” Eu queria responder “do meu pai”, mas o que aconteceria depois?! Ele insistiu na pergunta... “Menina! Venha trocar de roupa!” Era a minha avó, “vou falar com a sua mãe que já está tarde, amanhã você tem escola cedo”. Ele me soltou, eu descii para o chão, ao mesmo

tempo em que ele reagia desapontado, dizendo para a minha avó que “sempre quis ter uma filha”. A avó respondeu, “é, mas ela já tem pai”, e me pegou pela mão, para que eu vestisse roupas secas.

Quando voltamos do banheiro, ele e a mãe estavam jogando sinuca e riam alegres. A avó chamou a mãe e disse que nós duas estávamos cansadas. Cerca de uma hora depois nós quatro estávamos no carro, a avó e eu ouvimos a mãe e ele combinar de nos deixar em casa e dormirem fora. A avó pediu para abrir a janela do banco traseiro, ela queria fumar. Eu queria chegar ao apartamento, sentia muito enjoo e dor de cabeça da viagem e amanhã, segunda-feira, eu teria prova na escola.

# O DIA EM QUE O PROFESSOR PAROU DE FALAR

Stephan Arthur Solomon Hughes

Lembro-me muito bem daquele dia. No entanto, não consigo dizer com exatidão quando isso realmente aconteceu. Parecia ter sido há muito tempo, uma lembrança distante. Mas parecia que tinha sido ontem cada vez que entrávamos na sala de aula.

O dia em que o professor parou de falar.

Ninguém sabia dizer com exatidão o que fez com que o professor ficasse em silêncio pela primeira vez. Havia muitas especulações sobre o que levou o Transmissor de Conhecimento a decidir privar-nos de sua voz.

Talvez ele tenha falado tanto que acabou ficando sem voz.

Provavelmente estava apenas triste por alguma coisa.

Quase certamente tinha a ver com o comportamento da turma.

Talvez ele simplesmente tenha se cansado de falar e de dar aula!

Gritos de desespero e descrença inundaram a sala e mancharam as paredes: Não, não pode ser!

O que será de nós sem a voz melodiosa e aveludada do professor?

O que podemos fazer para que ela volte?

Alguém tinha que ser culpado por isso: os olhos vasculhavam a sala em busca de um culpado, aquele colega flagrado conversando, aquele aluno atirando elásticos em outro, o aluno cantando e dançando, a dupla jogando em seus Chromebooks, o grupo absorto em seus livros de colorir, o líder falando alto em português. Outra pessoa.

Agora, precisávamos descobrir o que a professora queria que fizéssemos, fazendo perguntas por turnos.

Tínhamos que prestar atenção ao que a professora escrevia no quadro ou mostrava no slide.

Tínhamos que aprender o que cada gesto, cada sobrancelha levantada, cada olhar severo, cada posição das mãos significava e agir de acordo.

Tínhamos que ouvir uns aos outros e esclarecer as dúvidas uns dos outros. Tínhamos que nos apoiar mutuamente, aprendendo a ser mais compreensivos e empáticos ao longo do caminho.

Tínhamos que entrar em cada aula em silêncio e com entusiasmo, esperando e rezando para ouvir a voz do professor mais uma vez e desejando poder voltar aos (bons) tempos de antes do dia em que o professor parou de falar.

# A FUGA

Luiz Fernando Abreu Araújo

30 de março de 2052.

Sábado.

8 h. 7 min. 15 seg.

Após o exame médico fui surpreendido, implacavelmente, pelo médico cronologista:

- O que faria se eu lhe dissesse que você só tem mais 24 horas de vida?

- Quanto?! O que é isso, doutor?!

- Acabo de constatar que o chip do tempo do seu relógio biológico acendeu o alerta vermelho às 8h. Isto significa dizer que a contagem regressiva das últimas 24 horas da sua vida começou, precisamente, há 7 minutos e 15 segundos.

- O senhor não está enganado?

- Com toda a tecnologia, você acha que seria possível?

Foi como um OVNI tivesse desabado sobre a minha cabeça.

- Eu não entendo, doutor... Ainda ontem, corri 5 quilômetros e não senti absolutamente nada! Quando terminei, a minha pressão era de 12 x 8, estava com 80 batimentos por minuto, e a oxigenação era de 95%. O chip não pode estar com defeito?

- Desde que foram decifrados todos os códigos genéticos permitindo, com precisão, antevermos o tempo de vida das células, tornou-se impossível produzir chips de relógios biológicos humanos que cometam falhas.

- Gostaria que não soubesse disso...

- A humanidade é assim mesma: lá, nos anos 20, quando desconhecia a data, a hora e a causa da morte, dizia que, se soubesse disso, aproveitaria melhor o seu tempo. Agora que a ciência lhe dá isso de mão beijada, diz que seria melhor não saber de nada...

- Pelo que andei lendo, antes de criarem o chip biológico, a humanidade era mais feliz porque desconhecia quanto tempo de vida teria e, consequentemente, a hora da morte. Vivia-se, cada dia, como se não houvesse amanhã!

- Você acha que isso é melhor do que nascermos já sabendo quando morreremos? Pois eu acho maravilhoso poder planejar, criteriosamente, a nossa vida.

Ou seja, quando casar, ter filhos, em quanto tempo financiar um carro, um imóvel...

Até se pode deixar para amanhã o que podemos fazer hoje!

- Por mais que saibamos o dia e hora da nossa morte, ninguém está preparado pra ela! E, segundo as estatísticas, o número de casos de depressão e loucura aumentou a partir do momento em que as pessoas veem a morte se aproximar.

- Isto se deve ao fato de o homem não saber conviver com a única certeza da vida. Aliás, nunca soube. Nem quando a sua vida era uma caixinha de surpresas!

- Gostaria de estar falando sobre a vida e não sobre a morte!

- Não lamente, pois até às 8 horas de amanhã, você terá vivido bastante: 32 anos.

- Pois gostaria de viver, pelo menos, o dobro do tempo, como ocorria aqui no Brasil, na primeira década dos anos 2000. Dizem que foi a expectativa de vida que o INSS considerava a ideal para a aposentadoria.

- Os tempos eram outros. Ainda havia oxigênio em abundância; a chuva ácida não era tão intensa; a camada de ozônio filtrava os raios ultravioleta; e o superaquecimento global mantinha uma temperatura bem menor que os atuais 46o C.

Ah! E havia comida saudável em abundância!

- É isso o que eu não entendo. O homem foi capaz de tanta evolução científica, criando aerocarros que só levam 6 minutos do Rio a São Paulo; computadores que realizam uma centena de programas, obedecendo ao comando da mente; robôs que substituíram professores, taxistas, árbitros de futebol... E, no entanto, não conseguiu acabar com as doenças, impedir que ainda houvesse uma terceira guerra e, principalmente, a gente morresse!

- Nem poderia! Com toda a superpopulação do planeta - quase 60 bilhões de pessoas -, já imaginou se elas morressem somente de velhice, acidentes ou vítimas das guerras?

Eu não sei dizer se estava arrasado, triste ou com medo. De óbvio, é certo de que havia um sentimento de adeus. Então, me peguei pensando na família.

- Doutor, não há como o senhor tentar prolongar por mais algum tempo a minha vida? Tenho várias coisas que deixarei pendente e isso me preocupa, pois, quando ela souber que perderá tempo do seu tempo para resolvê-las... Vão me odiar!

- Se está tentando me subornar... Você não sabia que o seu tempo de vida já estava por se encerrar?

Dei um sorriso amarelo, envergonhado. Depois, balbuciei: - Eu sempre fui totalmente negligente com esse tipo de coisa. Em 2020, quando nasci, meus pais já haviam morrido há anos...

- É mesmo? Não sabia que você era proveniente da engenharia genética.

- Fui sintetizado no Colégio dos Embriões. Foi ele o responsável pela instalação e manutenção do meu chip. E como não tinha pais vivos, só me revelaram quanto tempo eu teria de vida quando fiz 21 anos.

- Ora! Se você sabia que viveria até os 32 anos, e em qual mês, dia e hora morreria exatamente, por que tanta surpresa?

- Quem disse que eu sabia?
- Não sabia?! Como assim?!
- Em 2048, a Samsung, responsável pela tecnologia do meu chip, chamou todos os “chipados” de 2020 a 2022 para um recall. Alegara que havia um pequeno problema na configuração e que isso poderia alterar o calendário de vida.
- E então...
- Eu jamais fui fazer o recall. E não foi por negligência, pois, acreditando que a humanidade do passado era mais feliz sem saber o dia da sua morte, preferi, otimista que sou, acreditar que o meu chip era um dos problemáticos e, sendo assim, poderia viver mais.

Procurando abreviar a consulta, o que já deveria ser uma rotina, ele disse:

- Muito bem, vamos ao receituário... Você tem poupança do tempo?
- Sim! Durante os últimos nove meses tenho dormido menos 5 minutos por dia.
- Só isso?
- Ela já foi polpuda, doutor, mas desvalorizou. Gastei quase todo o tempo que tinha sem fazer nada!
- Entendi! É a tal da vida bem vivida, como faziam nossos antepassados nas redes sociais, não é mesmo? Pois saiba que para atingirmos a felicidade, nada, ainda, é capaz de superar a dedicação à família, ao trabalho, a religião... Nem a IA é capaz disso!

Em seguida, voltando-se para o computador, o médico disse:

- Por favor, calcule: a poupança do tempo tem rendido 1% ao mês por hora poupada... Considerando uma poupança de 5 minutos ao dia, durante 9 meses...

E em um décimo de milionésimo de segundo, o computador foi preciso: 5 minutos x 270 dias = 1350 minutos; 1350 minutos x 1% em nove meses (juros sobre juros) = 1476 minutos; 1476 minutos = 24 horas e 36 minutos.

E assim que o resultado su

ruiu na tela, o médico, através da senha do meu chip, me bonificou:

- Graças à poupança do tempo, você tem direito a mais 24 horas e 36 minutos de vida. E esse tempo somado às vinte e quatro horas que tinha direito, significa dizer que, dentro de 48 horas e 36 minutos você não estará mais aqui. Isto é, uma vez que são exatamente 8 horas, 15 minutos e 10 segundos, você morrerá às 8 horas, 51 minutos e 10 segundos de segunda-feira! Assim que ouvi meu juízo final, não me contive: dei uma gargalhada, e perguntei:
- Está falando sério, doutor?
- Por quê? – ele sobressaltou-se.
- É que segunda-feira é dia 1o de abril! É o dia da mentira!

Ele riu também.

- É o que chamam de ironia do destino! Mas é a pura verdade! – ele disse.

- Desculpe a sinceridade, mas a sua frieza é assustadora! - comentei.

- Faz parte da minha especialidade: genética quântica humana.

E dando prosseguimento à consulta, ele emendou:

- Como deve saber, com a falta de alimento no planeta, que já levou à extinção de milhares de espécies animais, você poderá doar seu corpo para uma sobrevivente. Portanto, além de sepultado e cremado, tem a opção de ser comido por alguma espécie, e que pode ser da sua própria escolha. O que deseja?

- Como sempre fui apaixonado pelo mar... E, por favor, que seja o mais depressa possível. Tubarões ou leões-marinhos, talvez.

- E onde pretende morrer? Em casa, no IML... Algum lugar específico?

- No IML, doutor. Assim, darei menos trabalho à família!

- E quanto ao momento da morte, prefere que ocorra de forma popular, na sala dos moribundos, ou que haja um cerimonial personalizado?

- Já que convidarei familiares e amigos, adoraria o cerimonial.

- Acredita em Deus?

- Sim! É claro!

- Algum ato religioso em especial para o velório?

- A extrema - unção.

- E quanto à música de fundo? Rap, pagode, androidiana...

- Fico com o roque. O único ritmo que transcendeu todas as décadas.

- Muito bem! E que tipo de flores gostaria para a ornamentação do velório?

Como deve saber, desde a 3a guerra, só existe de plástico.

- Rosas vermelhas.

- E gostaria de algum perfume?

- Alfazema. Isto é, se ainda existir! Caso contrário, pode ser a última invenção da cosmética. Aquele sintetizado à base de extrato de húmus.

- Preferência por alguma cor?

- Como eu sempre tive a esperança de que um dia o mundo seria melhor, gostaria do verde!

- E a última refeição? Como morrerá pela manhã, sugiro um café colonial.

- Ótima ideia! Ainda mais se for igual aquele dos anos 40, em que ainda havia sucos de abacaxi e de uva transgênicos; pães preparados com farinha de escamas de peixe; e ...

- Infelizmente, terá de se contentar com suco de algas marinhas, leite sintético, frios ultraprocessados em 3 D e, claro, hambúrguer de fezes humanas!

Ao registrar tudo isso no meu Iphone S517, ele me passou o endereço de onde eu deveria me apresentar para morrer, enfatizando, porém, que chegasse ao destino com 5 minutos de antecedência, no máximo.

Em seguida, levantando-se e dando por encerrada a consulta, ele apertou-me a mão, e concluiu:

- Seja pontual! As filas para a morte andam muito longas e estamos enfrentando uma greve de funcionários por melhores salários. Estamos trabalhando com o limite de pessoal.

- Horário de Brasília, doutor?

- Isso mesmo! A hora precisa da sua morte está definida no seu chip pelo horário de Brasília!

Ao deixar a clínica, tive vontade de sair correndo, mas logo pensei: correr pra onde? Ter pressa pra quê? Ir para casa imediatamente a fim de avisar a família, só faria com que ela perdesse seu rico tempo com algo tão banal. Então, me dirigi ao primeiro bar para tomar, quem sabe, a última cerveja.

Com certeza, eu jamais saboreei aquele malte tão prazerosamente. E, enquanto bebia, aproveitei o tempo para fazer alguns cálculos: 48 horas e 36 minutos de vida menos 1 hora e 36 minutos no bar (considere esse tempo, única e exclusivamente, para arredondar as minhas contas), era igual a 47 horas.

Depois, anotei: levando em conta duas noites de bom sono (8 horas cada), dois lautos almoços e jantares (1 hora e meia cada), sobraria 25 horas.

Em seguida, subtraí: tempo de despedida dos amigos e dos colegas de trabalho; dos sucessivos engarrafamentos no trânsito aéreo, provocados pelo excesso de drones... Daria 17 horas.

Daí, deduzi: fazer o imposto de renda, falar com o advogado sobre o testamento... Resultaria em 12 horas.

Mas... E a decisão do campeonato carioca? E o paredão do Big Brother Brasil 52? E a leitura das últimas páginas de O Mago, um best-seller muito antigo, de um tal de Paulo Coelho, que estava me fascinando...? Finalmente, restaria 4 horas.

Mas... Santo Deus! Só 4 horas? Não seria muito pouco para passar ao lado da minha mulher? Ficar junto daquela que estivera ao meu lado na riqueza e na pobreza, na alegria e na tristeza? Enfim, não seria tão pouco tempo para ficar ao lado da mulher por quem eu daria a minha vida?

Sendo assim, resolvi trapacear a vida (ou a morte). Acionei a Internet, em seguida o Google Earth, e encontrei o que desejava: Acapulco – México: 4 horas a menos do horário oficial de Brasília.

Foram os melhores momentos da minha vida...

Pareciam as férias que sempre sonhamos. Hotel 5 estrelas, o mar do Pacífico...

Tomamos até bebidas afrodisíacas antes de nos amarmos!

Rimos. Choramos. Agradecemos a Deus. Lamentamos.

Refletimos o quanto perdemos do tempo de nossas vidas discutindo e brigando, quando poderíamos tê-lo usado para a nossa felicidade.

Fizemos planos para o futuro! E ela voltou a me jurar fidelidade. Até que a morte nos separasse.

No dia 1º de abril, às 8 horas, 51 minutos e 9 segundos, nosso drone pousou em Honolulu, no Havaí.

A diferença de fuso horário em relação ao horário oficial de Brasília era de 7 horas. A menos.

# O PROFESSOR E O PANDA

Diogo Comba Canavezes

Um dia, antes de ir para a sala de aula recomeçar a jornada do dia, vejo um pedaço de bambu largado num canto qualquer. Nem penso duas vezes e levo junto comigo.

Imagino que seria divertido usá-lo para dar umas porradas na mesa com a finalidade de acordar alunos dorminhocos após o almoço.

- Diogo, o que você está fazendo com esse bambu?

- Ah, comprei um urso panda. Vou levar isso de comida para ele.

- Sério?

- Claro, urso panda só come bambu. Ou você já viu em supermercado ou pet shop uma sessão só com “rações para urso panda, urso polar e urso pardo”?

- Não, estou perguntando se você comprou mesmo um urso panda!

- Claro.

- Como assim?

- Com dinheiro.

- Não é isso!

- O que é então?

- Onde? Como? Por quê?

- Por que causa, motivo, razão ou circunstância?

- Isso!

- Comprei pela internet um filhote. Será enviado pelos Correios. Deve chegar daqui a uns dois meses, mais ou menos.

- Sério?

- É um filhote, deve ser brincalhão.

- Não, sério que você fez isso?

- Claro.

- Mas como ele vem para o Brasil? De onde?

- De onde você acha que são os pandas?

(a) Zimbábue.

(b) Botswana.

(c) Butão.

(d) Austrália.

(e) China.

- Austrália?

- Lógico que não.

- Mas lá só tem bicho esquisito.

- E desde quando pandas são esquisitos?

Nesse momento se inicia um debate, considerando preconceito dizer que este, esse ou aquele bicho é ou não esquisito. Quase toda a turma envolvida.

- São da China?

- Sim.

- Mas ouvi dizer que são bem poucos, como isso é possível se tem tanta gente no mundo.

- Juro que não entendi a relação.

- Como então você conseguiu comprar um animal em risco de extinção.

- Do mesmo jeito que você conseguiria pela internet comprar até um rim. Ou um cérebro, no seu caso.

- Sério?

- Er...

- Mas como ele vem para cá?

- Vem de jumento. Nas costas de um jumento. Passando pela Ásia toda, depois Rússia, Europa, Groelândia, Estados Unidos, México, Panamá, Colômbia, Brasil... segue o tabuleiro de War.

- Nossa, ele vai ficar cansado!

- Ele ou os jumentos?

- Os dois.

- Mas serão muitos jumentos.

- É óbvio que vem de avião ou de navio, né.

- Isso. Numa caixa de madeira recheada de bambus.

- Você o traz para a escola quando ele chegar ao Brasil?

- Lógico que não.

- Por quê?

- Você por acaso traria para a escola um cachorro ou um gato seu?

- Até que seria uma ótima ideia. O dia do animal de estimação na escola!

# A MULHER QUE GUARDAVA AMANHÃS

José Fernando da Cruz Nunes

Na beira de uma estrada que ninguém lembrava de ter começado, existia uma casa pequena, feita de madeira antiga e silêncio.

Ali morava uma mulher conhecida apenas como Lourdes.

Ela não recebia visitas.

Mas, curiosamente, nunca estava sozinha.

Dentro da casa, havia prateleiras — centenas delas — repletas de pequenos frascos de vidro.

Alguns brilhavam suavemente. Outros pareciam opacos, quase esquecidos.

Cada frasco guardava um amanhã que nunca aconteceu.

Lourdes tinha um dom... ou uma missão.

Toda vez que alguém desistia de algo por medo — um amor não declarado, um abraço não dado, um pedido de perdão engolido — aquele instante futuro, que poderia ter sido, não desaparecia.

Ele ia parar nas mãos dela.

E ela o guardava.

Com cuidado. Com respeito. Com uma espécie de tristeza serena.

Certa noite, um homem chegou até a casa.

Não sabia como havia encontrado o lugar. Apenas caminhou... como se algo o puxasse.

Chamava-se Elias.

Carregava nos olhos um cansaço antigo — não do corpo, mas das escolhas.

Lourdes abriu a porta antes que ele batesse.

— Eu já esperava por você — disse, com voz baixa, como quem reconhece algo antigo.

Elias franziu a testa.

— Eu nem sei por que estou aqui.

Ela se afastou, permitindo que ele entrasse.

— Sabe, sim. Só nunca teve coragem de dizer.

Lá dentro, ele viu os frascos.

— O que é isso?

Lourdes pegou um deles, pequeno, com uma luz trêmula.

— Este... é o dia em que você quase disse que a amava.

Elias gelou.

— Quase?

— Sim. Você chegou até a porta. Levantou a mão para bater... e foi embora.

Ela lhe entregou o frasco.

— Quer ver?

Sem entender completamente, ele assentiu.

Ao tocar o vidro, o mundo ao redor desapareceu.

Ele estava ali.

Naquela noite.

Sentia o coração disparado, o medo esmagando a coragem. Viu-se virando as costas...

escolhendo o silêncio.

Mas então...

algo mudou.

Dessa vez, ele bateu na porta.

E quando ela abriu — a mulher que ele perdera sem nunca ter tido — ele falou.

Falou tudo.

Sem perfeição. Sem ensaio. Sem garantias.

E ela chorou.

Não de tristeza.

De reconhecimento.

O instante explodiu em vida.

Quando Elias voltou à casa, estava de joelhos, ofegante.

— Isso... isso é real?

Lourdes o observava com ternura firme.

— É o amanhã que você abandonou.

Ele olhou para as prateleiras, agora com desespero.

— Quantos... quantos desses são meus?

Ela não respondeu.

Apenas passou a mão sobre uma fileira inteira de frascos que começaram a vibrar levemente.

Elias sentiu algo quebrar dentro dele.

— Eu desperdicei uma vida inteira...

Lourdes se aproximou.

— Não. Você a adiou tantas vezes... que quase esqueceu como vivê-la.

O silêncio pesou.

— Eu posso levar algum comigo? — ele perguntou, com voz fraca.

Ela negou, suavemente.

— Não. O que não foi vivido, não pode ser recuperado.

Ele abaixou a cabeça.

— Então por que me mostrar?

Lourdes tocou o peito dele, exatamente sobre o coração.

— Porque ainda existem amanhã que não chegaram aqui.

Elias ficou imóvel.

— Você ainda pode escolher.

Naquele momento, um novo frasco surgiu na prateleira... ainda vazio.

Transparente. Esperando.

Lourdes o entregou a ele.

— Este... ainda é seu.

— E o que acontece se eu não viver?

Ela respondeu, sem hesitar:

— Ele vem para mim.

Elias segurou o frasco com cuidado, como se fosse a coisa mais frágil do mundo.

— E se eu viver?

Lourdes sorriu pela primeira vez — não com tristeza, mas com esperança.

— Então ele nunca existirá aqui.

Elias saiu da casa antes do amanhecer.

Dessa vez, não havia dúvida nos passos.

Dias depois, alguém o viu bater numa porta...

sem hesitar.

E quando ela abriu, ele não trouxe silêncio.

Trouxe presença.

Quanto à casa...

Ela continua na estrada que ninguém procura.

E Lourdes ainda guarda os amanhãs esquecidos.

Mas alguns frascos...

de vez em quando...

simplesmente deixam de existir.

Porque, em algum lugar do mundo, alguém finalmente teve coragem de viver no tempo certo.

# EXPECTATIVA

Rozeny Silva Seixas

Na esquina da Conde de Bonfim com Uruguai, ela correu e conseguiu pegar o ônibus 220, Usina-Praça Mauá.

Estava ansiosa, até nauseada de tanta expectativa. Era o primeiro encontro e ela há muito desejava o homem de sua vida.

Durante o percurso até a Praça Saens Peña, observava a paisagem tão conhecida, tentando reduzir o nervosismo; como será que ele é? Afinal, uma foto no site de encontros e esparsas conversas telefônicas revelavam pouco de uma pessoa. No entanto, estava esperançosa. Na rua Visconde de Cabo Frio, lembrou o tempo em que era criança e brincava na pequena praça que fica, ainda, ao fim daquela rua. E quantas vezes andou a pé, subindo a ladeirinha que a conduzia à rua Andrade Neves, onde morava. Em alguns momentos, triste com a nota baixa na escola. Mas, ela sempre foi otimista e os dias alegres das manhãs ensolaradas da Tijuca predominaram em sua vida.

Ah, os bailes do Tijuca Tênis Clube, os beijos, a primeira decepção. Droga, isto ela preferia esquecer. Saltou do ônibus em frente ao Café Palheta. Resolveu tomar um cafezinho, pois ainda havia tempo. Ficou olhando distraidamente a coleção de xícaras antigas na vitrine do Palheta e pensou na cristaleira da casa da avó. Havia umas xicarazinhas iguais àquelas.

Olhou o relógio. Correu até a C&A, a loja de departamentos construída no terreno do cinema Metro-Tijuca. Todo primeiro domingo do mês, ela ia à sessão Tom & Jerry. Ficou olhando o chafariz da praça Saens Peña. Não há mais peixes no laguinho. Aliás, nem há mais o laguinho.

O cinema Olinda virou o shopping 45. Os cinemas Carioca e América transformaram-se, respectivamente, em igreja evangélica e farmácia. Tudo passa nessa vida.

Ele estava atrasado, mas ela considerou que o trânsito era insuportável aquela hora e continuou esperando. Sete da noite não era um bom horário para um primeiro encontro, hora de todos saírem do trabalho. Será que ele era casado?

Na avenida Brasil, o carro de Paulo havia capotado. Na pressa de encontrar Ana, ele perdeu a direção. E a vida.

## CRÔNICAS

# A CIDADE SOU EU

Regina Maria Fernandes Castelo Branco

Não canso de sobrevoar a cidade do Rio de Janeiro, merecedora do título de maravilhosa. Todavia, melhor não olhar debaixo do tapete. Natureza e homem, que relação complicada! Isso sem falar do relacionamento entre os próprios homens. Aí, o bicho pega! Sim, é prazeroso ver das alturas suas belas paisagens: Enseada de Botafogo, praias, Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Floresta da Tijuca...- imagens cativantes. Confesso que também gosto das bordas das matas queimadas e áreas abertas para caminhar. É o momento da realidade despida de beleza. O contraste entre a miséria e a riqueza deixa de ser pitoresco. Sou cuidadoso observador, capaz de identificar presas a grande distância. Não desprezo vítimas de outros predadores. Roubo numa boa. Oportunidade nunca deve ser desperdiçada. É divertido passar a perna no esforço alheio. Sou oportunista sim. Não é à toa que admiro urubu e chupim. O primeiro, por gostar de carniça como eu. O segundo, pela malandragem ao colocar seus ovos nos ninhos de outras espécies e não cuidar da própria prole – parasitismo social genuíno. Não é o máximo da esperteza?

Noutro dia, estranhei meu comportamento. Encontrei uma andorinha bem estressada. Tive vontade de destroça-la. Infelizmente, minha pança cheia provocou morosidade na ação. Além disso, num piscar de olhos, surgiu o bando da desgarrada para resgatá-la. Não valia gastar minha energia.

É, sou muito associado ao sertão, embora as pessoas esqueçam minha capacidade de adaptação. Amo meu espaço urbano. Ouvir dizer que, há muito tempo, os golfinhos representavam o território carioca. Penso que, na atualidade, deveriam me escolher como seu novo símbolo. Não só por conhecer cada canto da querida metrópole; conseguir entrar em áreas proibidas para parte da população; e por ter total identificação com os mandantes locais, legais e ilegais. Consideramos que os interesses do povo não têm a mínima importância.

Tenho certeza de que serei um ótimo símbolo carioca. Já existe até música para ser o novo hino loca. Afinal, “Carará pega, mata e come.”

# DIÁRIO DE UM PROFESSOR - SAIR DE CASA, OLHAR PARA O SOL E...

## NEM AMANHECEU AINDA

Diogo Comba Canavezes

5h. Da manhã.

Acordo. Na verdade, tento acordar. Enquanto muitos trabalhadores “normais” estão dormindo, já estou de pé. Ou tento estar. Nesse momento, o consumo de café deve agir de maneira decisiva sobre meu corpo de modo a retificar minha coluna, abrir meus olhos e mais um monte de coisas que meu sono não me permite imaginar. Assim como Bombril, mil e uma utilidades. Uma metáfora sobre uma metonímia.

Até as 5:50, horário em que saio de casa, divido meu tempo entre algumas necessidades básicas e continuar preparando aula e corrigindo alguns materiais dos alunos. Confesso que já fiz anotações sobre possíveis temas de aulas em guardanapos, mas nunca limpei a boca nem outros lugares com provas. Ainda bem.

Saio de casa e me irrita com a demora do primeiro ônibus que pego com destino ao trabalho. Um tema de redação vem à cabeça: o problema do transporte público nas grandes cidades. Opa, lá vem o bus, lotado, mas pelo menos consigo um lugar.

Salto cerca de dez minutos depois para tomar o segundo ônibus. Corro um pouco, pois o bendito já está no ponto. Por não ser professor de educação física, meu preparo físico não é dos melhores. Além disso, o peso de redações e provas em minha mochila faz com que minha corrida seja praticamente em câmera lenta.

6:05

Embora minha coordenação motora seja das piores, faço alguns malabarismos no ônibus. Ao contrário dos meninos que fazem isso nos sinais, não busco dinheiro, apesar de que uma renda extra seria muito boa para um professor. Faço isso para corrigir mais algumas coisas mesmo ainda que o chacoalhar do veículo me atrapalhe bastante. Fica parecendo até que estou num liquidificador.

7h

Minha mão direita já guarda as marcas do início de um dia de trabalho: inúmeras manchas vermelhas oriundas da tinta da caneta, pareço até ensanguentado. Chego à escola e já escuto a primeira gracinha do dia por parte de um aluno “não, você veio?”

Pois é,

(a) Ganhei na Mega-Sena e só vim para mandar você para aquele lugar.

(b) Hoje vim só para assistir às aulas, quero fazer vestibular de novo.

(c) Na verdade, morri, agora você vê gente morta.

O bendito não entende que é uma piada com múltipla-escolha.

Como chego em cima da hora, vou direto para a sala de aula. Mal entro e já vêm os pedidos para ir ao banheiro. Não pergunto se a motivação para tal é alguma animação com a minha chegada, mas não deixo de fazer algumas gracinhas, de novo.

(a) É bom evitar Activia antes de vir para a escola.

(b) Não pode ir e, se estiver com vontade de urinar, evite pensar em chafariz, bebedouro e chuva.

(c) Sim, pode, mas vá ao do terceiro andar, os outros estão interditados. Mentira que estão interditados. Mentira que existe terceiro andar na escola.

Consigo chegar até minha mesa e depois até o quadro após driblar pedidos, perguntas desnecessárias e caras de nojo. Começo a colocar a matéria do dia no quadro, só que mais perguntas surgem, é o meu vestibular de cada dia:

“ae, precisa copiar?”

Será que esse “ae” é sinônimo de professor?

Respondo:

(a) Não, pode levar o quadro para casa.

(b) Imagina, você é inteligente demais para isso.

(c) Não, só estou ostentando conteúdo.

(d) Não, só quero colocar cor nesse quadro, ele fica tão sem graça todo branco...

E os alunos de hoje em dia não entendem piadas, levam a sério até comentários do tipo. Agora sei por que vão mal em Língua Portuguesa no vestibular. Tento continuar a aula, mas agora surgem perguntas sobre a minha vida.

“Você só dá aula ou trabalha também?”

Como de costume, dou várias possibilidades de resposta:

- (a) Pois é, aqui não é trabalho, dou aula por amor a vocês.
- (b) Também sou ator pornô, afinal, no fim eles se f\*\*\* que nem os professores.
- (c) Lógico que não falei a letra –B em sala.
- (d) Sou um super-herói nas horas vagas, pode ver que aqui tenho tanta cara de idiota quanto Clark Kent e Peter Parker.

A piada não surte o efeito desejado, então sigo a aula. Durante uma explanação, um aluno levanta o dedo. Acho que ele vai fazer alguma pergunta ou colocação inteligente, chego a sorrir, mas... “Vou ao banheiro, já é?”

Respondo que sim, e peço para que ele traga junto o grampeador a vácuo. Acho que o homem ainda não chegou a essa invenção, mas pelo menos essa criatura vai demorar muito para voltar do banheiro.

Alguns mexem no celular. Duvido que estejam procurando o que é um grampeador a vácuo ou mesmo que estejam pesquisando sobre a matéria do dia. Não tem como instalar na porta da sala um dispositivo que faça os celulares explodirem? Ao final do meu tempo, chega a ser engraçado quase dez alunos tirando foto do meu quadro.

Acho que sei mais ou menos como uma celebridade se sente.

E, mais uma vez, continuo a saga de dar aula. Tento resolver questões de múltipla escolha, mas uma piada pega um pouco mal.

Essa é letra –C de capeta ou –D de demônio?

Começa imediatamente uma discussão na sala de aula entre vários de seus elementos. Uns ficam perguntando se eu posso fazer esse tipo de brincadeira, outros cogitam o fato de eu ser ou não satanista, enquanto alguns falam qualquer coisa aleatória só para tumultuar mesmo.

O sinal que anuncia o fim do tempo toca e todos perdem, curiosamente, o interesse pela polêmica levantada. Tento dar alguns avisos, orientações, mas dizem que minha aula já acabou.

2 tempos já passaram e situações bem parecidas ocorrerão ao longo do dia todo.

Numa outra turma, uma sinfonia de espirros e tosses. Acho que peguei uns três vírus diferentes só ali dentro. Em outra, saio já sem voz e sem conseguir ouvir mais qualquer coisa. Mesmo assim, falo, rio e grito na sala de professores com meus semelhantes.

Espero ansiosamente pelo dia seguinte.

# A ESCOLA

Aline Leal Mota

Lembro de um vídeo lançado por uma escola na época da pandemia: mostrava uma entrada vazia, trazia uma música melancólica e uma mensagem otimista.

Naquele vídeo, no final, eles apresentavam o que chamaram de “som da alegria”: era o barulho de crianças chegando na escola, risos, brincadeiras, conversas e gritos.

Caminhado por dentro das escolas a caminho das salas de aula para trabalhar, me pergunto se aquela definição ainda é válida, e se, talvez, não possa ter me tocado por conta do momento em que foi lançada. É claro que ainda há alegria. E muitos, muitos sons. Porém, a escola está doente.

O sintoma que mais chama atenção é o olhar de alguns – triste, vago, sem brilho. Um toma remédios controlados, o outro ficou um tempo internado em uma clínica psiquiátrica, um terceiro se cortou profundamente. “É essencial que lancemos um olhar especial a essas crianças”, ouvimos constantemente. E é urgente.

Só que a escola está doente. Doente de ..., de regras “da lei”, de pessoas doentes.

Os professores estão exaustos. Dói-nos na pele cada olhar perdido, cada história sofrida – assim como cada cobrança descabida. O que estamos vivendo parece uma piada de mau gosto, e por vezes soa até engraçado. Engraçado? Não, isso também é doído. A escola está doente, e, além disso, engessada de forma a não poder melhorar.

Precisamos trabalhar atentos a muitos detalhes: aos que não podem ir ao banheiro sozinhos, há risco de que se cortem. É preciso acolher o deprimido e tentar integrá-lo ao grupo. Urge lembrar de não usar (jamais) a palavra “aluno”, uma vez que define gênero – e, portanto, é proibida. Diga estudante, sempre. E não fale muito, não abrace, não demonstre afeto. Não escreva nada em provas além de sinais gráficos. Não apareça em fotos ou vídeos – nem, muito menos, produza

imagens. De forma alguma deixe que sua opinião sobre qualquer assunto seja percebida – falada, nem pensar. Não discuta ou incentive discussões. Não se intrometa em brigas ou tome partido. Não, não...

...não! Sei do risco de processos jurídicos, aprendemos sobre isso numa das palestras da juíza. Lembro do último processo perdido por esta escola, aquele, por causa do piercing. Um pouco antes foi aquele outro, o rebuliço que gerou a sentença sobre a obra a ser feita – só temos dois

banheiros, e são categorizados, em desacordo. Outro colega doente, e outro... sempre uma história longa, um caminho de exames, remédios e stress, é stress.

Olho o aluno, ops, estudante, olho meus colegas, nossos auxiliares, as coordenações, olho a escola: estamos, basicamente, histéricos. Precisamos adaptar provas, espaços, pensamentos, esquecer convicções; e temer processos, intrigas, mentiras e confusões. É aconselhável ser pequeno, quase invisível, para não ferir nenhum dos preceitos ou regras. E ser quieto, calado. Ah, e também ser criativo: não se pode usar um vídeo para começar ou terminar uma aula, já que quase nenhum é apropriado. E a discussão acerca dos livros a serem lidos é dramática: as obras que escolhemos não fazem parte da literatura palatável.

Temos mais reuniões com o jurídico do que com o pedagógico. É estranho, eu não costumava conhecer os(as) advogados(as) de um colégio – agora divido com eles meu dia-a-dia, a sala dos professores, a máquina de café quebrada. Talvez também a angústia. O som da alegria continua sendo uma realidade. Como? Somos professores, transgressores, e fortes – mas até o limite do humano. A escola está doente. Nós também.

As crianças sofrem bastante com a regra básica trazida pelas famílias, “eles(as) não podem ser frustrados”. Precisamos de esportes e torneios em que todos sejam vencedores. Inventamos concursos de redação sem pontuação ou exposição de textos. Fazemos avaliações com textos de publicações indicadas.

Há uma equipe para avaliar os planejamentos – e esta é composta (também) por advogados. É preciso minimizar riscos e otimizar o tempo. É uma demanda ensinar a declarar imposto de renda – ainda que o menino, estudante do ensino médio, não saiba o que é um verbo transitivo direto.

O que eu faço? Sigo. Muitas vezes erradíssima, outras tantas cansadíssima...

pensando que a escola está doente, mas eu ainda encontro nela o meu lugar. A sala de aula pode ser melhor a cada dia – e isso me move, motiva e desafia. O som da alegria existe, e contagia a todos, sem rótulos, sem medida. Naqueles fragmentos de tempo em que o grupo acontece, sei que fiz a minha parte. E sigo!... Hoje cedo, quando cheguei, uma menina me mostrou o crochê que está fazendo. Ela pesquisou no Google após uma aula em que tentávamos explicar um meme. Adorou, resolveu experimentar. A escola está doente – mas viva!

# ATOS SEM PALAVRAS

Ana Lúcia Brasil Malecha

Tudo fechado. Da janela só entravam as partículas de poeira iluminadas pelos raios de sol. Elas se moviam lentamente. Brilhantes, dançavam. Criavam movimento.

Desnudavam o ar. Lá fora, o barulho, o calor. Vidro fechado. Luz que entrava filtrada pelo vidro. Dentro o silêncio. Espaço vazio de uma sala. Apenas a luz do sol que iluminava a poeira. Diante do silêncio, do vazio, da poeira, havia o velho.

Sozinho, em pé no canto da sala, o velho ensaiava. Ensaiaava alguns movimentos lentos com suas mãos. Estava de cueca. Parecia um calção largo que acentuava suas pernas finas. Músculos secos. Pele que sobra. Ele ensaiava. Olhava suas mãos que moviam o ar. Acompanhava, com os olhos, seus braços longos que tentavam desenhar o espaço.

Sua barba espessa e seus cabelos desalinhados indicavam seu esforço. Estava suado. A poeira dançava em volta do velho. Rodopiava. Repetia movimentos ritmados com suas mãos e braços.

O velho, a poeira, a janela, a luz do sol. Ele parecia dançar. Quanto esforço. Balbuciava algo. Rodava. Apontava com seus braços e rosto para o alto e para baixo. Estava lembrando. Tentava falar, recitar, cantar. Tentava. Suava muito. Sua pele brilhava.

Balbuciava. Rodava. Caminhava para frente. Pra trás. Rodopiava. Um artista. Soma do tempo. Na intimidade desse quarto vazio, o velho dançava.

Sua sala era uma cápsula da memória. Tempo contínuo, suspenso, eterno em seu fluxo.

O velho estava a lembrar palavras com seu corpo. Seus movimentos eram improvisos, tentativas de fala. Jazz. Ele parecia ouvir os sons agudos dos sopros, a tristeza do baixo e a melodia das notas de um piano. O velho era jazz. Naquele quarto vazio, cheio de poeira, um velho quase nu, improvisava movimentos de uma partitura jazzística.

Seu corpo, seus movimentos eram contrações, expansões, vômitos. Pura náusea, contorções. Não havia mais dor ou cansaço. Sua cabeça girava, seus pés marcavam o tempo. O sopro do sax o puxava para frente, para o alto. O contrabaixo determinava a contração. Encolher, ir pra trás. Girar. E o lamento de Ella, de Billy era a voz, a palavra que faltava que precisava sair e que ele ouvia.

O trompete gritava. O velho saltava. Repetição. A bateria soando, convidando ao rito.

Como um velho clown, ele roda pela sala. Dança infantil. Caretas. Ria. Era alguém. Era um encontro. Era um José, um João. Sem palavras, puro corpo. Jazz sem regras. Velho que pulava. Corpo que balançava. Na impossibilidade da fala, o corpo soava a palavra, desenhava o espaço vazio, dançava o espaço nu. Uma vida que se projetava. Quarto fechado. Ninguém viu. Ninguém ouviu. Luz do sol, poeira a se levantar.

O velho para. Suor que pinga. Cheiro azedo. Canto do cisne. Ato sem palavras. Inerte, ri. Velho palhaço a corar. Velhice suspensa por alguns instantes. Ninguém viu.

# AO LÚCIO, COM CARINHO

Sonia Dique Fragozo

Certa manhã, fui abordada por um aluno que, portando um pen drive ainda no encarte, esticou a mão em minha direção e disse:

- Professora, grava para mim tudo o que a senhora achar interessante.

Nessa época eu dava aulas de capacitação de mão de obra em uma Escola da Baixada Fluminense. Meus alunos eram, em sua maioria, pessoas simples que tinham abandonado os estudos há vários anos e ali, de volta às salas de aula, alimentavam sonhos adormecidos.

Lúcio era um desses alunos. Pedro, bonito, sorriso largo, com idade perto dos quarenta, tinha estampada, no brilho do olhar, a imagem da esperança em um futuro melhor. Ao ser abordada por ele, passei a refletir qual seria a melhor seleção para a gravação de “tudo” o que eu achasse “interessante” e, desse momento em diante, comecei a observá-lo com maior atenção.

Além das aulas de capacitação, por algum tempo, passei a acumular a disciplina de Ética, complementando assim a formação dos alunos nesse breve tempo de curso.

Ao final do período, selecionei cinco temas para um trabalho de avaliação: Educação, Saúde, Meio Ambiente, Cidadania e Ética. Dividi a turma em cinco grupos e sorteamos os temas. Solicitei que retirassem de qualquer mídia uma notícia pertinente ao tema recebido, fizessem uma apresentação com fotos, cartazes e escrevessem um texto sobre o material apresentado. Não lembro por qual razão, Lúcio ficou sem grupo. Seu tema foi Educação.

As apresentações foram excelentes. Os grupos trouxeram notícias e textos muito interessantes e uma boa discussão enriqueceu todos os trabalhos. Lúcio não compareceu nesse dia, aparecendo com um texto manuscrito na aula seguinte. Numa rápida leitura de seu trabalho, verifiquei que tinha se distanciado do tema Educação e feito várias referências a trechos bíblicos. Ao externar minha opinião sobre o seu trabalho, Lúcio me olhou e disse imediatamente:

- Posso fazer de novo?

- Claro, respondi. Mas gostaria de que se concentrasse mais no tema Educação e buscasse um texto ou uma notícia sobre o assunto, complementei.

Passado o prazo estipulado, Lúcio aparece com seu novo trabalho. Era um conjunto de folhas de papel Alamo, com uma capa amarela onde se lia: “Ao Mestre com carinho”, escrito em grandes letras manuscritas que ocupavam a diagonal da folha. Fiquei, por um tempo, sem entender a frase ali contida. Abri o trabalho e me deparei com um texto sobre Educação. Logo constatei não ser de sua autoria. Ao final do texto transcrito e sem citação da autoria, uma nota dizia: “Professora, obrigado pela oportunidade de realizar esse trabalho.” Continuei entendendo pouco as manifestações de agradecimento ali contidas, até que Lúcio interrompe:

- Sabe aonde eu fui pesquisar?

- Não, respondi.

- Na Biblioteca Nacional, acrescenta ele.

Nessa hora, bem nesse momento, consegui entender tantos agradecimentos. Lúcio tinha conhecido a Biblioteca Nacional, sua imponência e sua importância. Talvez ele nunca tivesse imaginado vir a ter esse contato. A transcrição do texto tornou-se uma falta pequena diante da presença impactante da Biblioteca. Sei que, naquele momento, a vida de Lúcio foi modificada.

Conversando sobre o ocorrido com uma professora da Escola, soube que Lúcio tinha sido morador de rua, estudou e passou num concurso para o Município onde morava.

Eu nunca soube qual cargo ocupava, mas dizia que ia ser engenheiro, talvez já esteja bem próximo disso.

Hoje, olhando para trás, sou eu quem agradece a oportunidade e dedico essa narrativa ao Lúcio, com carinho.

# UMA HISTÓRIA QUE CONTA GEOGRAFIAS QUE MATAM

Ivaldo Gonçalves de Lima

Uma vida inteira pela frente. O tiro veio pelas costas.

Cíntia MOSCOVICH

Imaginário social. Na qualidade de morador do Rio de Janeiro, sempre convivi com as favelas.

Uma convivialidade por meio da qual apreendi os valores éticos de solidariedade e hospitalidade tão próximos entre si quanto necessários à vida social plena. Daí as inúmeras amizades que desenvolvi com pessoas que moravam nesses territórios populares. Decerto, as lições dessa convivência foram se depurando ao longo do tempo porque o imaginário e a realidade das favelas se alteraram. Estigmas como feiura, periculosidade, insalubridade e homogeneidade se colaram à imagem das favelas. Carentes, feias, perigosas e sujas, “viu uma favela, viu todas”, diriam os apressados. Cético, evoco as geografias de uma história cotidiana.

O crime aconteceu na comunidade da Vila Joaniza, Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, em 26 de maio de 2026. “Lucas Rodrigues Rocha, 25 anos, jovem, com a vida toda pela frente. Ele foi alvejado pelas costas, com um tiro de fuzil. Ele nem teve chance de se defender, não teve chance de nada. Ele não era traficante, ele era pai de família”, afirmou a sogra da vítima aos repórteres do telejornal. Lucas morava com a família em uma favela; no momento do assassinato, ele estava dentro de uma comunidade invadida por policiais fortemente armados, registre-se a ocorrência. Na epígrafe, o microconto de Cintia Moscovich traduz esse episódio que se vai tornando tão ordinário ao ponto de não provocar sequer a indignação da sociedade.

(In)visibilidade. Lucas e toda a família são cidadãos invisibilizados socialmente. Invisíveis para aqueles que enxergam o outro pela lente da discriminação que ofende, oprime, fere e mata.

Também são invisíveis quando o assunto é garantia, efetivação ou reparação dos direitos sociais concernentes à condição de classe, à raça e etnia, à identidade e expressão de gênero, à faixa etária e aptidão corporal. Contudo, eles são bem visíveis para o preconceito, estigma, estereótipo e, sobretudo, para a mira das armas de fogo, como um fuzil. Racismo, etarismo, capacitismo,

transfobia e aporofobia – aversão a pobres – abundam. Eles são invisíveis até certo ponto: aquele ponto cego moral que os condena a vidas vulneráveis geograficamente situadas.

Morador de favela, suspeito circunstancial, culpado presumido, alvo potencial, vítima fatal.

Esses atributos da vida do Lucas se articulavam numa espiral, sugerindo a inexorabilidade inaceitável de seu fim. Morreu de quê? Ele morreu de geografia. A localização geográfica do trabalhador numa favela pode condicionar a sua morte. Trata-se de entender a condição e não de buscar uma causa que explique o fato: a condição territorial da vítima concorreu para essa morte e tantas outras. Naquele dia, o telejornal noticiava que policiais mataram Marcelo Silva e Edivan de Assis, quando os dois saíram de casa numa moto para trabalhar, no Jardim Catarina, em São Gonçalo, alegando confundir ferramenta de trabalho – a régua de pedreiro – com fuzil.

Necrogeografia. Morre-se de favela, mais do que na favela. A “causa tem um sentido ‘positivo’, porque é aquilo em virtude do qual se produz um efeito, enquanto a condição tem um sentido ‘negativo’, porque é simplesmente aquilo sem o qual não se produziria o efeito”, ensina José Ferrater Mora. Lucas morreu porque estava numa favela. O contrafactual, portanto, remete à alternativa: se ele estivesse, naquele exato momento, na área de lazer de um condomínio de luxo na Zona Sul carioca, a probabilidade de sua morte violenta teria se reduzido.

Vulnerabilizada, subalternizada e alvejada, a vítima era supostamente ameaçadora, afinal, estava num território considerado de risco. No Rio de Janeiro, insinuam-se obscuras geografias.

A cidade converte-se não apenas em território do crime, mas também em paisagem do medo.

Desde sempre, nunca senti temor de circular pela favela para visitar amigos, desfrutando momentos de uma sociabilidade afável. Desconfio, que as vítimas dos homicídios mencionados coincidem com esse sentimento, nos seus momentos de lazer, culto, ativismo ou trabalho. Algo terrível vem desvirtuando paulatinamente a vida urbana. Tenho a impressão de viver amedrontado em transe geopolítico na metrópole. A favela deveria ser o lugar social do acolhimento, liberto de raptos ideológicos e estratégias perversas – legais ou extralegais – que subjugam os sujeitos nela territorializados, sejam eles residentes, trabalhadores ou visitantes.

Vida vivível. Ao refletir sobre a busca de valores éticos, André Comte-Sponville informa que a “causa explica um ser; apenas o fundamento pode justificar ou impor um dever-ser”. Por isso, insisto que não se trata aqui de buscar a causa, mas de identificar a condição para esclarecer definitivamente que a morte nessas circunstâncias não tem fundamento, porque não há justificação para ela. Recorro à filosofia do vivente defendida por Judith Butler que diz: “o vivível é uma condição de vida que pode ser vivida, enquanto o invivível consiste em uma condição de

vida que não pode ser vivida”. Submetidos sistematicamente a desumanidades, moradores das favelas são privados de uma existência vivível. “Isso não é vida!”, protestariam.

Na fúria da sociabilidade violenta, concebe-se a vida do morador de favela como vida matável.

Para Giorgio Agamben, "vidas matáveis" refere-se àqueles que foram reduzidos à categoria de vida nua (homo sacer); são indivíduos que podem ser mortos impunemente. Logo, exposta às artimanhas do descaso, a vida desses cidadãos é desvalorizada de modo extraordinário.

Subverter toda essa crueldade é um dever-ser moral, isto porque, se várias existências são precárias, algumas o são mais que outras. Há um déficit ético que resseca a vida dos cidadãos mais pobres entregues à própria sorte como habitantes das periferias urbanas. O medo torna-se uma constante indesejável que atormenta corpos e espíritos, corações e mentes de cada cidadão.

Necropolítica. Edivan deixa um neto e Marcelo deixa esposa e uma filha. "Não teve voz de prisão, não teve pedido para parar, eles simplesmente chegaram próximo aos policiais que estavam escondidos e eles atiraram dessa forma", declarou uma testemunha. “Só sei que deram uma rajada de tiro para cima dele. Não foi pouco, não, foi muito tiro”, comentou uma prima. A Polícia Militar lamenta a morte do Marcelo e do Edivan, ressaltando que preza pela transparência de suas ações e que colabora integralmente com as investigações do caso. São falas que expressam as circunstâncias do ocorrido, as impressões das partes nela implicadas; transparecem excesso, descontrole e desproporção que apontam para uma injustiça territorial.

A cena desses crimes selvagens integra o cenário mais amplo da obscenidade do espaço carioca. “No espaço, muros, recintos e fachadas definem simultaneamente uma cena (onde qualquer acontecimento ocorre) e uma área obscena onde transcorre tudo aquilo que não pode nem deve se fazer na cena: o inadmissível, o maléfico ou o proibido”, aprendi com o filósofo social Henri Lefebvre. Nos casos letais como os de Edivan, Marcelo e Lucas, trata-se de uma (obs)cena urbana que não se deve naturalizar. Nela, o maléfico, o proibido e o inadmissível se banalizam camuflados de assassinio de moradores de favelas. O obsceno vem à luz, turva a cena, potencializa o mal-estar moral, brutalizando a trama da vida na cidade e distorcendo a história.

(In)decência. O que desaparece nesse cenário de mortes violentas é o valor da decência. A morte desses pais de família escancara uma sociedade indecente refém das humilhações diárias. E é claro que essas humilhações têm endereços e moradores preferenciais. Assim, a favela é tornada espaço de assujeitamento de vidas precarizadas. “Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. (...) Por isso, a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está”, sentencia o geógrafo Milton Santos. Fruto da indecência institucional, a desvalorização da vida do morador de favela explicita o rastro dessas geografias que matam.

Desigualdade, violência, insegurança e indiferença: ingredientes da obscenidade dessas mortes. A desigualdade como o desafio mais persistente imposto pela exploração capitalista aos batalhadores empenhados na arte de resolver a vida, como Marcelo, Lucas e Edivan; a violência como a face mais nociva da opressão que subjuga a dignidade alheia; a insegurança como o pilar mais vulnerável da vida social que exige uma economia do cuidado inclusiva; e a indiferença em relação ao outro como o problema ético mais ostensivo da atualidade, conduzindo à forja de cidadãos de segunda categoria. Avaliando que a combinação desses ingredientes alimenta uma história do presente repleta de geografias da morte, me contraponho!

Geografia existencial. Contrastando a epígrafe, resgato o microconto de Eugênia Menezes, que deveria sintetizar a trajetória de todo ser humano: \_Morreu de quê? \_Gastou-se. Vislumbra-se uma morte tranquila decorrente da velhice, do desgaste natural de nosso corpo, a salvo da interferência de condições imorais que refratam a vida vivível. Por fim, advogo uma geografia das existências que destrone a geopolítica dos corpos sensíveis, permitindo que os sujeitos corporificados floresçam, ao invés de verem sepultada a prerrogativa de escolha dos seus lugares próprios para uma vida digna. “Parem de nos matar”, lê-se no detalhe do grafite, que reverbera o desejo latente dos cidadãos Lucas, Edivan e Marcelo, bem como a nossa esperança.



# O PESO DO CUIDAR

Julyana Alves Farias

A tarde começa numa correria apática.

De um lado, eu descendo correndo do primeiro ano para minha turma. Do outro, uma turma do integral infantil saindo da minha sala para começar sua rotina da tarde. Meus alunos chegam. A sala é um caos.

A professora da manhã sai e deixa tudo desorganizado. Ainda nessa correria, corro para ajeitar a sala: cadeiras no lugar, garrafas na cesta, mochilas encostadas na parede, colchões guardados ao lado do armário, agendas organizadas. Lixos espalhados vão para a lixeira.

Incomodada com a bagunça, faço tudo quase que no automático — acostumada com essa dinâmica.

Enquanto isso, as crianças chegam. Outras acordam.

Erro. Não as recebo. Estou focada numa organização desnecessária.

Olho pro lado: as auxiliares sentadas, conversando, mexendo no celular.

As crianças continuam a chegar. Algumas ainda precisam de ajuda para entrar- “Vem, João, olha que legal, vem, entra...”, as escuto chamar a criança.

Olho pro lado: ainda sentadas. Pro outro: uma criança segurando a porta, sem querer entrar.

Paro, enfim, o que estou fazendo. No fim do dia eu arrumo a bagunça.

Agora, recebo a criança. Brinco, abraço, converso. Ela entra.

Sento com ela. Outras crianças sentam no meu colo. Mais crianças chegam e se enturmam.

As cumprimento, todas gostam muito de abraço. Fico um momento com elas, dando colinho, descobrindo os brinquedos que levaram.

Levanto.

Pego a chamadinha, o card da rotina. Começo a rodinha.

Algumas crianças fogem, perdem a atenção com facilidade.

Olho pro lado: ainda sentadas.

Peço ajuda — que alguns minutos depois, chega.

Conversam enquanto faço a rodinha.

Ignoro.

A hora do lanche chega.

“Pessoal! Quem quer lanche?”

Em seguida, começam em coro: “lanche! lanche!”

Algumas crianças, descalças, pedem ajuda para colocar o sapato.

Os pedidos de ajuda sempre chegam pra mim, apesar de sermos três.

Enquanto coloco o sapato de uma criança, peço que outra peça ajuda à Ana ou à Laís, as auxiliares. Mas elas — ainda sentadas — não escutam, não querem, ignoram, não sei... Mas não colocam os sapatos.

Coloco todos.

Peço pra sentarem no tatame, pra se acalmarem, e aí sim subirmos pro lanche.

Chegamos na escada, ainda ouvindo em coro a música “lanche! lanche!”. Sorrio.

“Mão no corrimão”, relembro para alguns, que decididamente querem subir sem ajuda.

Sim, elas levantaram pra subir — ao menos isso.

Já no refeitório, crianças sentadas aguardam ansiosamente o lanche: sempre três opções e um suco. Pego todos, enquanto elas, novamente, permanecem sentadas.

O lanche acaba. Descemos. Aula de inglês.

A professora chega com sua bolsa e seu carisma de sempre. As crianças se agitam, correm pra abraçá-lá. Algumas só querem falar. Uma quer ir ao banheiro. Outra diz que está com sede...

Fico por ali, dando suporte. Traduzo pedidos, medio conflitos.

Ana e Laís, de novo, sentadas. Olhares distantes. Celulares em mãos. Muita conversa para colocar em dia. Não gostam dessa professora, já verbalizaram isso.

Respiro.

A professora de inglês pega uma criança por vez para fazer as atividades, enquanto as outras ficam soltas. Coloco brinquedos, faço rodinhas, conto histórias enquanto isso — mas preciso fazer as agendas.

Às vezes saio da sala para escrevê-las, outras vezes tento ficar, mas, quando fico, nunca consigo escrever. Paro várias vezes para resolver problemas, levar crianças ao banheiro, mediar conflitos, trocar fraldas negligenciadas, crianças negligenciadas.

Quando saio e volto, encontro Ana e Laís na mesma posição de antes: sentadas.

Às vezes ouço gritos do lado de fora: “Artur, larga ela!”, “Marcos, desce daí!”

Mas não, elas não vão até as crianças.

Agendas feitas. Hora de voltar pra sala.

A professora de inglês se despede com um “see you tomorrow!”.

As crianças tentam repetir.

Hora da troca de fralda. Elas sabem disso, mas enrolam.

Digo que preciso ir para o outro espaço arrumar a atividade do dia.

Corro, arrumo, deixo o ambiente preparado.

Volto: ninguém trocado.

Pego as crianças, uma por vez. Troco. Rápido, mas com cuidado, carinho e atenção. (São nessas horas que rolam as conversas mais profundas).

Quando estou com a última criança, Laís aparece e me ajuda a trocar.

Agradeço. Digo que vou esperar na sala.

Algumas crianças já desfraldadas pedem para ir ao banheiro.

Enquanto estou sentada com as crianças, preparando o momento da atividade — contando uma história ou fazendo uma roda de conversa — ouço Marcos pedir para ir ao banheiro.

Em seguida, ouço Ana e Laís dizendo apenas: “Vai.”

Ao escutar, falo: “Melhor alguém ir com ele.”

Elas vão. Uma delas vai.

Apesar do meu pedido, isso acontece com frequência: bebês de três anos indo sozinhos ao banheiro porque já estão desfraldados.

Me sinto culpada.

Mas também me forço a pensar que não posso — e não dou conta — de tudo.

Apesar disso, tento dar.

O dia segue do mesmo jeito.

Faço a atividade — é com elementos da natureza: galhos, folhas, flores, pedras.

Depois de ler um livro, as crianças recriam personagens e inventam outros. Elas amam.

Em seguida, é pátio livre. Deixo correr, pular, brincar de balanço e escorrega.

Elas amam também.

Ana e Laís permanecem sentadas o maior tempo possível — quase como se fosse uma competição.

Sigo agitada, como uma barata tonta.

Chega a janta.

Algumas crianças já foram embora.

Sirvo as que ficaram. Ajudo a dar na boca de alguns, outros querem comer sozinhos.

Ana me ajuda. Laís já foi embora.

Descemos.

Hora de se organizar para ir embora.

Troco as fraldas. Ana troca as roupas.

(Eu diria que lentamente, só pra não ter que trocar fralda — mas vamos deixar isso como um pensamento só entre nós.)

Crianças trocadas, limpas, arrumadas.

Brinquedos espalhados no tatame, agora só esperando os pais e as mães chegarem.

O fim do dia chega, mas ainda sem calma.

Organizo o que dá. Com a sensação de que estou sozinha numa sala com 14 bebês.

As auxiliares? Estão ali. Mas estão longe.

De presença, de escuta, de corpo.

Estão ali, mas não estão comigo. Nem com as crianças.

# LEILÃO DE LIVROS E EMOÇÕES

Ana Maria Mônica Machado de Oliveira

Com olhar contemplativo para as prateleiras repletas de livros e o sentimento de que preciso dizer adeus, depois de tantas décadas juntos, sinto-me como se fosse um pintor que precisasse desvencilhar-se de pincéis, tintas e cavaletes.

Sinto-me como uma pianista que precisasse arrancar as teclas de seu antigo piano, se desfazendo de sustenidos e bemóis, somente poderia ouvir o silêncio e os sons emitidos da caixa. Sentada, sem teclas nas pontas dos dedos, rodopiaria no banquinho do piano, tentando ouvir palavras escritas, ao som da imaginação.

As estantes sem livros me fazem sentir como se fosse uma costureira, sem linhas, sem agulhas, sem tesoura e sem máquina de costura, somente me restaria trançar fios e cordas.

Tempo de buscar alentos e assim ritualizo meus feitos e desfeitos, agrupando os livros em lotes para repassá-los em leilões imaginários, buscando possíveis

interessados de obras lidas e guardadas em uma biblioteca doméstica tão variada.

Vamos conferir as pilhas de livros? Dou-lhe uma! Dou-lhe duas! Dou-lhe três chances, se quiser? Quem pode dar mais? Vamos aos lances para levar, desfolhar e ler?

Lote com pilhas de livros da mãe das ciências – a Filosofia – com emaranhado de argumentações que vazam no tempo. A mais difícil e complexa para mim.

Lote com pilhas de livros de Psicologia, Pedagogia e seus fundamentos históricos, técnicos e políticos, com os autores que tive acesso e cutucaram o meu pensar...

Lote de livros de Informática, que nunca li porque não eram meus; mas sustentaram o saber que fluiu de nuvens virtuais e transformaram a Matemática do dia a dia.

Lote de livros de Medicina tão antigos e sábios, muitos em francês e outros tantos compêndios de médicos famosos do Brasil e do mundo. Também, nunca os li, mas os reverenciava com nobres posições na estante, afinal de contas queria mostrar profundo respeito e gratidão científica, em meu nome e da humanidade.

Seus ensinamentos servem de bússola para o alívio de dores e doenças.

Lote com uma pilha enfileirada. Isso mesmo! Livros enfileirados nas prateleiras, porque seus autores escreveram sobre conflitos, guerras e revoluções da humanidade. Quantos livros foram publicados - Meu Deus do Céu! - para contar a história da primeira, da segunda guerra e de outras que continuam matando homens, mulheres, crianças inocentes que morrem desconhecendo ocultas causas que justificavam ânsias de poder e genocídios de pessoas que habitam o Planeta Terra!

Confesso que apenas li alguns que se mesclaram em sábios e consistentes romances de Amor e Guerra. Obrigada Tostoy! E o Vento não Levou o Dr. Jivago de Boris Pasternak e nem a história de amor durante a guerra civil espanhola de Ernest Hemingway ...

Senhores e senhoras interessados em leilão de livros, tenham paciência! A biblioteca que se desmorona é grande e preciso mostrar outras pilhas: - Pode ser?

Convido você, paciente leitor, a conferir comigo outras pilhas de livros plantados no solo da área da Educação:

- Pilhas de livros sobre Avaliação Institucional interna e externa.

- Pilhas de livros sobre os Fundamentos e a História do Currículo, como campo de conhecimento.

- Pilhas de livros de didática e seus autores focando categorias do ensino sustentadas por múltiplas interpretações teóricas.

- Pilhas de livros de Sociologia e Antropologia. Por falar em Antropologia, estou escrevendo este texto no fundo, no fundo mesmo para ritualizar o formigamento que estou sentindo em todo corpo nesta selva de livros, quase uma floresta de folhas e sementes de pensamento impressos na imaginação.

Sinceramente, ao esvaziar a casa, tem sido mais fácil me desvencilhar de móveis e objetos antigos que o acaso colocou em meu espaço do que dizer adeus aos livros comprados, lidos, não lidos, ganhos, recolhidos de lixo e alguns especiais garimpados em livrarias de Sebo, na Rua São José.

Num dia de garimpo me deparei com o livro Amanuense, do escritor Cyro dos Anjos e depois outros do mesmo autor como A menina do sobrado.

Não sou geógrafa, mas o Atlas Histórico e Geográfico, antes das guerras do século XX vou guardar como relíquia. Ponto final nos lotes de livros em busca de lances. Mas faltam alguns? Mas coloco no leilão de emoções porque são meus livros de literatura. Impossível me desvencilhar do Machado de Assis e outras raridades da literatura brasileira e universal e dos contos de fada lidos e relidos na meninice...

Minha estante de madeira está quase vazia. O jeito é sair em busca de livrarias e sebos que também estão se despedindo e abrindo portas e janelas virtuais, nas nuvens do século XXI.

# UM DIA COMUM

Carina Campagnani

É a pura verdade quem diz que exercer a profissão de professor é basicamente coordenar terapia em grupo, fazer comédia em pé e administrar crises.

Especialmente quem atua na educação infantil e no fundamental.

Termino a aula na turma 1 e tenho cinco minutos para chegar na sala da turma 2.

Essa é a turma mais desafiadora desse ano, então me preparo para manter a calma e chegar transmitindo firmeza e assertividade. Quando já estou quase lá carregando minha mochila pesada nas costas (sim, carrego tudo nela: água, lanche, canetinhas, necessaire com itens básicos de higiene, casaco, guarda-chuva, roupa do pilates, estojo com tudo, tesoura, cola, apontador, lápis grafite, etc...) e minha caixa organizadora com cadernos a serem corrigidos, papel branco e pautado, mandalas para colorir, bilhetinhos amorosos dos alunos, minha super agenda com todo o planejamento das quatro turmas em que leciono seis tempos por semana, cópias recém feitas e mais um monte de coisas que só no final do semestre consigo fazer a limpa e esvaziar um pouco – ufa! – voltando: quando já estou quase chegando na turma 2 avisto Maria em pé recostada no muro baixo do outro lado do corredor em frente à porta da sala, cabisbaixa, com aquela linguagem corporal que a gente reconhece na hora que tem algo errado. Pergunto baixinho no ouvido dela:

- Aconteceu alguma coisa? Quer me contar?

Maria abre um choro sentido balbuciando, quase gritando, palavras incompreensível das quais só consigo identificar algo como “A Ohana estava se gabando ... “. As lágrimas pulam dos olhos como se suas pálpebras fossem pistolas d’água e eu a puxo delicadamente na direção de uma mesa ao lado da porta, ainda no corredor, onde apoio minhas coisas e me sento numa cadeira de criança para ficar na altura do rosto dela. Falo modulando a voz e me autorregulando pensando nos alunos dentro da sala que estão me aguardando provavelmente já fazendo bagunça:

- Só consegui entender que a Ohana estava se gabando de alguma coisa. Me conte do que ela estava se gabando.

- Ela (suspiro) disse (suspiro) que o cachorro dela é maior que o da Joaaanaaaa.... (solução)

- Respira, Maria, lembra da flor e da vela. (Nós usamos a imagem de sentir o perfume de uma flor para eles inspirarem e a imagem de apagar lentamente uma vela para expirarem). Agora me fala o que aconteceu depois.

- Eu disse pra Ohana que não é legal ela ficar se gabando assim, que tamanho de cachorro não é importante – buááááá!

- Entendi. E o que ela respondeu?

- Que não era para eu me meter na conversaaaaaa! Aí a Belinha chegou e disse que era verdade (suspiro) que o cachorro da Ohana é maior que o da Joana (solução) e aí fui eu que disse para Belinha que não era para ela se meter na conversa e agora elas estão bravas comigooooo....

Nesse meio tempo chega André. André é um menino adorável que já no primeiro dia de aula no ano anterior chegou me contando que ele não tinha trazido material nenhum porque na casa dele é muita confusão, que ele tem quatro irmãos. Eu contei que eu também tinha quatro irmãos e isso foi suficiente para ele se conectar comigo de um jeito que todo dia ele vem me buscar na porta, carrega minhas coisas, apaga o quadro para mim, faz de tudo para me agradar... quando não está deitado no chão, fugindo da aula, falando sem parar ou agarrando algum colega pelo pescoço. Enfim, eis que chega André todo solícito como sempre e eu já lhe dou logo uma tarefa: digo-lhe para ir buscar a Belinha.

Então chega Belinha.

Mãos na cintura, me olha de cima com desdém enquanto eu pergunto o que tinha acontecido entre ela e a Maria. Belinha cruza os braços, enfezada, e começa a contar subindo os ombros até as orelhas enquanto abre os braços:

- Eu só falei a verdade! Disse que o cachorro da Ohana é mesmo maior que o da Joana.

Maria interrompe:

- Você se meteu na conversa!

- Não me meti nada! A Ohana que me chamou.

- Eu não sabia que a Ohana tinha chamado.

Maria continua chorando e eu preciso dizer que ela é uma menina ótima, que não dá trabalho nenhum, amorosa, amiga, raramente chora, bastante estável emocionalmente. Mas hoje ela está abalada. Acho a atitude da Belinha, sem empatia por Maria, de uma frieza, sei lá, achei que nem combina com alguém da idade dela.

Então resolvo usar a técnica de comunicação não violenta que aprendi em um curso que a escola organizou:

- Como você se sente vendo a Maria chorar desse jeito?

- Não sinto nada.

- Não tem vontade de entender e acolher?

- Não.

- Você acha adequada a maneira como você está falando com ela?

- Acho.

Chega então André novamente me informando que a turma está agitada lá dentro, mas vejo que a auxiliar está na porta controlando a situação. É nesse momento que percebo que André está vestindo a camiseta do lado avesso, com as costuras para fora e um ‘post it’ colado no peito escrito “Smart Fit”.

Oi?

Meu cérebro demora a processar essa nova informação e me esforço para voltar a me concentrar no caso dos cachorros das meninas. Decido encerrar a questão dizendo para a Belinha entrar e digo o seguinte para Maria:

- Você tem outras amigas na sala, não fique lamentando a falta de afeto de quem não gosta de você. Deixe-as para lá e foca em quem trata você bem.

Maria me abraça enquanto o choro vai diminuindo até que ela me solta e entra sozinha na sala.

Mais um dia comum e não são nem nove horas da manhã!



**SinproRio**

Sindicato dos Professores do Município  
do Rio de Janeiro e Região